

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

KELIANA DE SOUSA CARVALHO

**FANZINES: Metodologias colaborativas e autorais para o ensino de
História**

PICOS
2016

KELIANA DE SOUSA CARVALHO

**FANZINES: Metodologias colaborativas e autorais para o ensino de
História**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para conclusão do curso.

Orientadora: Professora Ma. Carla Silvino de Oliveira.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

C331f Carvalho, Keliana de Sousa

Fanzines: metodologia / Keliana de Sousa Carvalho. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (67f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Profª. Ma. Carla Silvino de Oliveira.

1. Fanzine-Ferramenta Metodológica. 2. Ensino de História. 3. Metodologia de Ensino. I. Título.

CDD 907



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e um (21) do mês de Julho de 2016, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Keliana de Sousa Carvalho** sob o título **Fanzines: metodologias colaborativas e autorais para o ensino de história**.

A banca constituída pelos professores:

Orientadora: Prof^a Ma. Carla Silvino de Oliveira

Examinadora 1: Prof^a Dr^a Ada Raquel Teixeira Mourão

Examinador 2: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 22 de Julho de 2016

Orientador (a): Carla Silvino de Oliveira
Examinador (a) 1: Ada Raquel Teixeira Mourão
Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

In memoriam Francisco Joaquim de
Carvalho.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora professora Ma. Carla Silvino de Oliveira, pelas conversas e orientações, pelos domingos que esteve à disposição, pelas trocas de mensagens, pois sei que não foi uma tarefa fácil. Foram muitos os momentos de crises, momentos esses que achei que não conseguiria, mas que graças à sua paciência e sabedoria soube me direcionar para o caminho, contornando todas as minhas angústias e por todos os seus ensinamentos, serei eternamente grata. Enfim, só tenho a agradecer, pelo compromisso que manteve durante todo esse tempo comigo.

Ao professor Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, pela oportunidade de conhecê-lo enquanto docente do quadro de professores do meu amado curso de História, por quem mantenho uma grande admiração, pois o considero um exemplo de mestre. Agradeço-o também, pois juntamente com a professora Olivia Rocha, me proporcionaram a oportunidade de participar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pois por meio desse programa cresci enquanto docente, mantendo experiências inesquecíveis. Obrigada por acreditar na minha capacidade e pelas orientações durante todo o período do curso.

Ao professor Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, pelas orientações durante a banca de TCC I, pelas conversas informais e dicas de leituras, saiba que elas foram essenciais para a construção dessa pesquisa, pela doçura de suas palavras, pelos elogios que recebia ao encontrá-lo, proporcionados pela leitura do meu primeiro capítulo, era fantástico, dava aquele ânimo e isso professor Fábio, faz toda a diferença, pois acredito que o docente sempre deve estimular os seus alunos com palavras de incentivo. Obrigada!

Ao professor Me. Heitor Matos da Silva, pelas conversas informais, por proporcionar o meu primeiro contato com o universo dos fanzines, pela disponibilidade e pela compreensão e por ser uma das minhas inspirações para a escrita desse trabalho.

A professora Ada Dra. Ada Raquel Teixeira Mourão pelas sugestões e contribuições realizadas durante a qualificação na disciplina de TCC II, possibilitando uma ampliação das múltiplas interpretações que envolve uma pesquisa.

A todos os meus amigos, que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho e que nos momentos mais difíceis estiveram ao meu lado.

Em especial, ao grupo dos “acelolas”: Mariana Floracir, Renata Oliveira e Tássio Hernandes, vocês apareceram na minha vida quando eu mais precisei e vão sempre continuar nela, só tenho a agradecer pelas distrações, pelas conversas, por escutarem as minhas angústias, enfim, obrigada pela amizade.

Aos meus amigos da turma, que estarão sempre ao meu lado, em especial Ana Carolina Barbosa Santos, que sempre esteve comigo até os últimos momentos do curso. Apesar dos desentendimentos, estávamos sempre juntas uma apoiando a outra, e sei que levarei para sempre a sua amizade e levo comigo o desejo de que ela permaneça. Agradeço a Caroline Pinheiro de Oliveira e Jayla de Moura pela amizade de sempre.

Ao Programa Institucional de Iniciação de Bolsas à Docência, por todas as experiências proporcionadas e pelo crescimento profissional, pois foi através desse programa que me descobri enquanto docente.

Aos professores Fábio Martins de Holanda Torres Formiga e a Rivaldo Valdimiro Campos por terem contribuído para a realização da pesquisa apresentada nesse trabalho. E aos alunos da Escola Normal Oficial de Picos e da Unidade Escolar Mário Martins pelas experiências proporcionadas durante o período que estivemos juntos.

No dia em que um professor deixar de provocar a mente dos seus alunos e não mais conseguir estimulá-los a pensar criticamente, estará pronto para ser substituído por um computador.
(Augusto Cury, 2012)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir acerca das publicações independentes denominadas fanzines, priorizando sua utilização no ensino de História como ferramenta metodológica no ensino-aprendizagem. Para objetivar a reflexão, a abordagem contemplará a contextualização histórica do objeto, bem como problematizará as experiências vivenciadas com a aplicação dos fanzines em sala de aula. Acrescentamos ao estudo a possibilidades de trabalho com a ferramenta nas pesquisas historiográficas. Para contemplar os objetivos pretendidos foi utilizado dois tipos de metodologia: análise documental e a pesquisa-ação. A partir das discussões realizadas no decorrer do trabalho, analisamos como uma simples atividade, com baixo custo de produção, proporciona um crescimento mútuo entre professor e aluno. O fanzine possibilita aos discentes a oportunidade de um conhecimento de si mesmo e do mundo, possibilitando o posicionamento de maneira crítica perante o contexto social-político-cultural.

Palavras-Chave: Fanzine. Ensino de História. Ferramenta Metodológica.

ABSTRACT

This paper aims to discuss about the independent publications called zines, prioritizing their use in the teaching of history as the methodological tool in the teaching-learning. To objectify reflection, the approach will address the historical context of the object as well as problematizará the experiences with the application of fanzines in the classroom. We added to study the possibilities of working with the tool in the historiographical research. To address the intended objectives was used two types of methodology: document analysis and action research. From the discussions held during the work, we analyze how a simple activity with low production costs, provides the mutual growth between teacher and student. The fanzine enables students the opportunity of the knowledge of himself and the world, enabling the positioning critically to the social-political-cultural contexto.

Keywords: Fanzine. History teaching. Methodological tool.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1:	Capa do zine SUE: luz, câmera.....	34
Imagem 2:	Zine <i>Lixo Moral</i> , nº 7.....	38
Imagem 3:	Página do zine <i>Cata se: as lições do desastre</i>	40
Imagem 4:	Zine Globalização.....	43
Imagem 5:	Fanzine produzido por aluno da UEMM.....	52
Imagem 6:	Zine produzido pela aluna da UEMM.....	53
Imagem 7:	Fanzine produzido pela aluna da ENOP.....	54
Imagem 8:	Fanzine produzido pela aluna da UEMM.....	55
Imagem 9:	Zine produzido pelo aluno da ENOP, com a temática de Segunda Guerra Mundial.....	58

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	FANZINES: A ARTE DOS ZINEIROS.....	18
1.1	O que é Fanzine?.....	19
1.2	E-Zine: os zines e as tecnologias digitais.....	25
1.3	Fanzines na sala de aula?.....	28
2	PÁGINAS DE AUTORIAS E SUBJETIVIDADES.....	31
2.1	Entendendo as páginas de autoria.....	32
2.2	Fanzine: discurso e estética.....	33
3	MÃOS NA MASSA: FANZINES NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	44
3.1	Metodologias de produção para os fanzines.....	46
3.2	Rabiscos escolares: analisando as produções dos alunos.....	50
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a produção e utilização dos fanzines como ferramenta metodológica para o ensino de História, percebendo esses, como fonte histórica e como produção do conhecimento. A pesquisa identificará as potencialidades da linguagem dos fanzines e como estes podem ser utilizados pelos docentes nas escolas, como um recurso metodológico que possibilita o desenvolvimento da pesquisa, e conseqüentemente, a produção do saber escolar.

O termo fanzine é resultado da junção entre “os termos ingleses *fanatic magazine*, que viria a significar ‘revista de fã’” (MAGALHÃES, 1993, p. 07), podendo ser empregado frequentemente a terminologia zine como uma abreviatura da palavra fanzine. O fato destas publicações terem o seu processo de produção desempenhado de forma artesanal, contribui para que os seus criadores se envolvam em cada etapa da construção do fanzine e para Henrique Magalhães (2014) essa acaba sendo uma das características mais importante desse tipo de publicação, visto que, proporciona ao editor um conhecimento acerca do universo jornalístico de uma forma geral, abrindo espaço para uma reflexão acerca do processo editorial, e possibilitando a este a liberdade de criação e escolha acerca do que publicar.

Atualmente torna-se perceptível às transformações que ocorreram nas concepções e nas práticas de ensino e aprendizagem, que são vivenciadas por nossa sociedade. Compreendemos desse modo, que o fanzine é uma ferramenta capaz de contemplar os novos anseios da educação, rompendo o paradigma tradicional baseado na reprodução do conhecimento, propondo novas formas de aprender e ensinar, através de métodos colaborativos. Com isso, percebemos que a educação vem passando por constantes mudanças, como afirma Celso Antunes:

Algo novo está surgindo nesse ‘nosso velho mundo’ e não se enquadra nos pressupostos convencionais e nos paradigmas que antes eram transmitidos de uma geração para outra. De fato, é um novo tempo, uma novíssima economia, uma nova civilização e não se trata, absolutamente, de pensar o que a educação o pode fazer por ela, mas de buscar indícios de como essa nova civilização está mexendo nas entranhas do conhecimento, do ensinar e do aprender (ANTUNES, 2002, p. 9)

Desse modo, constatamos que a educação se torna o reflexo das necessidades que são dadas a cada período histórico, e que essas novas

exigências evidenciam a importância do desenvolvimento de propostas metodológicas que se adequam à realidade educacional na qual estamos inseridos (NÉRICI, 1992, p. 13). Diante disso, torna-se notório que as instituições escolares priorizam o desenvolvimento das capacidades cognitivas do seu alunado, percebendo esses indivíduos como ativos no processo de construção do conhecimento, de modo que, esses se mostrem autônomos e autênticos em relação ao próprio ensino-aprendizagem (CARVALHO; LIRA; SANTOS, 2015, p.1).

Para tanto, o uso dos fanzines como ferramenta metodológica de ensino, torna-se a peça perfeita para o encaixe desse quebra-cabeça no ensino de História, pois essas publicações amadoras são vivenciadas pela criatividade. Segundo Nérici (1992), o favorecimento desse espírito criativo possibilita aos discentes o desenvolvimento pleno da sua personalidade, possibilitando o pensar por si. Além disso, segundo Magalhães, os zines representam um espaço para a realização da reflexão, da crítica e da experimentação (MAGALHÃES, 2008). Dito isso, pensar nos fanzines como ferramenta metodológica de ensino, parece extremamente viável e útil, mas que infelizmente ainda é pouco utilizado pelos docentes.

Partindo da nossa experiência, consideramos que a falta de familiaridade com esse tipo de publicação seja um dos motivos da não utilização dos fanzines em sala de aula. Foi somente na graduação que tivemos o primeiro contato com um fanzine, mais precisamente, quando participamos da organização da VII Semana de História de Picos (SEMHIPI)¹, evento sediado no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI.

Na ocasião participamos da monitoria do minicurso intitulado *Do artífice ao guerrilheiro: o fanzine como fonte histórica*. Ministrado pelo professor Heitor Matos da Silva², o minicurso tratava da utilização dos fanzines como fontes históricas, além disso, ministrando (Heitor Matos) após o término da sua fala acerca dos zines, achou interessante – como de fato foi – a confecção dos fanzines pelos participantes, infelizmente não tivemos essa experiência naquele momento, pois como monitora do minicurso, estávamos à procura dos materiais que seriam utilizados no processo de desenvolvimento dos zines.

¹A 7ª edição da Semana de História de Picos aconteceu no mês de outubro de 2014, na cidade de Picos (PI), teve como tema central: “Brasil 50 Anos de Golpe: Memória, Cultura e Poder”.

² Mestrando pelo Programa de pós-graduação de História do Brasil da Federal do Piauí (UFPI). Integrante do Grupo de Pesquisa “História, Cultura e Subjetividade”, CNPq/Lattes, da Universidade Federal do Piauí. Tem como áreas de interesse História, Brasil, Cinema, Música, Literatura, Identidade, Juventude e Pós-modernidade.

Com o fim do evento, assim como do minicurso, restou apenas os rastros da curiosidade acerca do universo dos fanzines, que encantaram com a sua potencialidade de construção do conhecimento. Porém, no final do mesmo ano (2014) do referido evento, tivemos a oportunidade – que tanto idealizávamos – por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)³ de realizar uma atividade em que os fanzines fossem utilizados como ferramenta metodológica no processo de ensino aprendizagem⁴. Essa intervenção ocorreu no final do segundo semestre de 2014, na Escola Normal Oficial de Picos⁵ (ENOP), com as turmas do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio.

Na perspectiva de compartilhar a experiência que obtivemos na aplicação desse método na ENOP, foi realizado juntamente com as pesquisadoras Ana Carolina Barbosa dos Santos e Jayla de Moura Lira, o desenvolvimento de um artigo intitulado *Produção de fanzines: relatos de uma experiência do pibid de história*⁶, no qual constava justamente o relato de como ocorreu todo o processo de desenvolvimento dessa intervenção.

Após a escrita desse artigo, resolvemos apresentá-lo na VIII edição da Semana de História de Picos-PI. A partir dessa apresentação veio à tona aquela velha expressão que escutamos durante toda a graduação “nós não escolhemos o tema, mas é ele que nos escolhe” — e foi o que aconteceu conosco — tivemos quase que imediatamente a necessidade de mudar de linha de pesquisa no TCC, pois através dos fanzines conseguimos perceber as possibilidades de mergulhar no estudo da educação, prioritariamente, nos métodos de ensino de História que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, algo que sempre incitou certa curiosidade e respeito por pesquisadores que se debruçam nessa linha de pesquisa.

Pesquisar com os fanzines, especialmente voltado para a educação, não foi uma tarefa fácil, pois os trabalhos realizados acerca da temática ainda são

³O Pibid é um programa instituído pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) juntamente com o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) e tem por finalidade inserir o graduando em qualquer Licenciatura Plena (História, Biologia, Matemática, Letras, Química, Física e etc.) à docência. O programa tem por objetivo incentivar a formação de professores para a educação básica, bem como valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente, para além, promove a melhoria da qualidade da educação básica.

⁴ Para saber mais acerca do desenvolvimento dessa experiência ler: CARVALHO, Keliana de Sousa; LIRA, Jayla de Moura; SANTOS, Ana Carolina Barbosa. **Produção de fanzines: relatos de uma experiência do Pibid de história**. Picos-PI, 13 p.

⁵ A escola fica localizada na Rua São Sebastião, na cidade de Picos do Estado do Piauí.

⁶ O artigo foi apresentado na 8ª edição da Semana de História de Picos-PI, no ano de 2015.

escassos. Um problema já apontado por Henrique Magalhães, na década de 90, era a falta de bibliografia específica acerca do tema (MAGALHÃES, 1993, p.7). Infelizmente, apesar do esforço das instituições acadêmicas na ampliação das pesquisas a partir de novas fontes históricas, a problemática apontada pelo mesmo, permanece quase que sem alteração, pois como afirma Castelo Branco (2008) as poucas pesquisas existentes ficam engessadas no mundo acadêmico através dos trabalhos de conclusão de curso das graduações, tornando difícil o acesso a essas pesquisas (CASTELO BRANCO, 2008).

Muitas leituras foram realizadas para a construção desse trabalho, mencionaremos nesse momento alguns autores que consideramos como os principais pilares que ofereceram por meios das suas obras a base teórica para a realização dessa pesquisa. Autores como Henrique Magalhães – com os livros *O que é fanzine* (1993) e *O rebuliço apaixonante dos fanzines* (2014) – e Edgar Guimarães – *Fanzine* (2005) – foram fundamentais para uma construção inicial das percepções acerca do conceito fanzines, utilizamos das leituras dos textos de Edwar de Alencar Castelo Branco (2008) e Heitor Matos da Silva (2013) para um entendimento sobre as análises realizadas dos fanzines enquanto fonte histórica. A partir da apreensão das produções realizadas por Loneide Santos do Nascimento (2010); Dionys Morais dos Santos (2015) e Fernanda Ricardo Campos (2009) nos proporcionaram uma direção acerca do desenvolvimento das perceptivas do uso dos fanzines em sala de aula.

Também nos apropriamos das pontuações desenvolvidas pelos autores como: Paulo Knauss (2012); Celso Antunes (2002); Imídio Giuseppe Nérici (1992) e Paulo Freire (2003), permitindo a realização de reflexões e preenchimento acerca das lacunas referentes ao ensino de História, e por meio das leituras das suas pesquisas foi possível pensar em métodos e técnicas que possibilitem aos alunos o conhecimento a partir da leitura das suas próprias experiências. E a partir disso, pensar o fanzine como um espaço capaz de proporcionar ao alunado o desenvolvimento da leitura do seu mundo, um lugar aberto para a realização das pesquisas dentro do ambiente escolar.

Entendendo os fanzines como documento histórico, realizamos como metodologia uma análise documental acerca dessas fontes, em dois momentos durante esse trabalho: no segundo capítulo, foram analisadas oito publicações elaboradas por zineiros: *Jardim Atônico* (Teresina-PI); *Sue: luz, câmara*; *Sue: blue*

angel e outros bichos; Sue: as estrelas da noite; Sue: a dona da noite(Pernambuco); *Lixo Moral* (Caçapava- SP); *Cata se: as lições do desastre e Globalização* (localização desconhecida), essas produções nos auxiliaram a perceber os elementos de subjetividade, que perpassam pelas características autorais de um indivíduo ou de grupos, permitindo ao pesquisador perceber características de um determinado tempo histórico, refletindo sobre o indivíduo dentro do seu contexto social, e por meio dessas análises, perceber como tais características podem ser incluídas no ambiente escolar.

Apesar de saber que a metodologia da História Oral seria viável nessa pesquisa, optamos por não trabalhar com depoimentos dos alunos ou mesmo dos professores sobre a utilização dos zines em sala de aula, pois o nosso objetivo não é compartilhar as experiências dos professores e alunos, mas de evidenciar através das análises realizadas por meio dos fanzines produzidos pelos discentes como sendo o “porta-voz” das potencialidades oferecidas pelo recurso proposto nesse trabalho.

Este trabalho será apresentado em três capítulos, sendo o primeiro; *Fanzines: a arte dos zineiros*, onde analisamos seu próprio conceito, partindo das diversas definições que são encontradas para identificar esse tipo de publicação, além de apresentar as características técnicas que são usadas pelos seus editores e leitores, bem como apresentamos os e-zines e as adaptações que ocorreram com essas publicações independentes, com a popularização dos computadores e da internet, mostrando-os como uma possibilidade que surgem para o público alternativo ampliando as suas potencialidades, evidenciamos ainda, a existência de trabalhos que abordam os fanzines voltados para a educação, mostrando a possibilidade dos mesmos serem aplicados em sala de aula, refletindo como estes auxiliam na busca pelo aperfeiçoamento desse elemento como ferramenta metodológica.

No segundo capítulo, *Páginas de autorias e subjetividades*, expomos por meio de uma análise dos fanzines produzidos pelos zineiros as características apresentadas nas páginas dessas publicações, tais como: experimentação, liberdade, criatividade e criticidade, e a partir disso perceber como tais características podem ser incluídas na sala de aula, compreendendo os zines enquanto fontes possíveis para a História e para o ensino de história. Para tanto, buscamos por meio das reflexões realizadas acerca das publicações apresentada nesse capítulo as conexões das suas características com o ambiente escolar.

E no terceiro capítulo, *Mãos na massa: os fanzines no ensino de História*, serão apontadas as perspectivas metodológicas que foram desenvolvidas com o uso dos fanzines nas aulas de história, denotando como este recurso proporcionou aos alunos uma produção crítica dos conhecimentos que foram abordados em sala de aula, estabelecendo uma ligação e valorização com os conhecimentos e experiências cotidianas, fazendo da escola um ambiente prazeroso de construção de um conhecimento mútuo entre professor-aluno. O capítulo evidencia uma das diversas possibilidades de trabalhar com tal recurso – possibilitando ao professor/pesquisador uma livre atuação. Para, além disso, exemplificamos o desenvolvimento da aplicação dos fanzines em sala, apresentando os resultados por meio de imagens das produções realizadas pelos alunos da Escola Normal Oficial de Picos e da Unidade Escolar Mário Martins.

Para esse capítulo utilizamos como metodologia tanto a análise documental, visto que, entendemos as produções realizadas pelos alunos como fontes históricas, pois estes mostram como os alunos compreendem o processo de produção histórica, apresentando anseios sobre a sua condição enquanto sujeito histórico; como também empregamos a metodologia da pesquisa-ação, já que esta proporciona ao pesquisador juntamente com os participantes da pesquisa, a realização de uma reflexão acerca das problemáticas apresentadas dentro de um determinado contexto social, de maneira que viabilize estratégias para a solução de tal problemática. Além dos fanzines, também nos debruçamos sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio, amparado pela Constituição Federal de 1988 (artigos 204 a 214), que definem os nossos objetivos, diante da busca por uma ferramenta metodológica que visa à construção de um conhecimento autônomo pelo aluno.

1 FANZINES: A ARTE DOS ZINEIROS

Era tarde demais, eu já estava cercado, fanzines de todo tipo desfilavam à minha frente: quadrinhos, rock, skate, punks, picas, pulos, poesia, ecologia, anarquia, mutantes, colagens, tudo era assunto para zines que vinham de todos os cantos do Brasil e do exterior. [...] Então eu me rendi definitivamente ao mundo underground dos fanzines. E não me arrependo. (NOITE UM FANZINE DA ALMA, 2004)

Mergulhar no universo dos fanzines é olhar para um mundo pluridimensional, com inúmeras possibilidades de abordagens, tratando dos mais variados e inusitados temas, como apresentado no trecho do zine *Noite um fanzine da alma*, que circulou na cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, no ano de 2004. Além disso, essas publicações são livres de qualquer repressão, representando uma resistência frente às grandes editoras. Sendo os tabus editoriais ridicularizados, por uma linguagem simples e destituída de paradigmas midiáticos, tornando-os um espaço reservado para se vivenciar a diversão, reflexão, crítica e experimentação.

Assim, para conseguir ser um zineiro precisamos de motivação, criatividade, de um tema, recortes, colas, tesouras, folhas em branco (ou não), mesclar fotos (pode até misturar fotos com temas diferentes) com textos, fotos com desenhos feitos com lápis, coleções, canetas ou pilotos, ou simplesmente desenhos, frases, palavras sublinhadas, marcar, escrever, tirar fotocópias ou tudo pode ser produzido com a ajuda do computador por meio de ferramentas virtuais (E-zines). Enfim, independente da maneira escolhida para a construção da sua “colcha de retalhos” (NASCIMENTO, 2010, p. 123), você poderá vivenciar a liberdade de escolha, tornando-se protagonista da sua criação.

Não existe entre os pesquisadores um consenso sobre a definição do fanzine e de quando teria surgido esse tipo de publicação, fato esse que pode ser resultado da inexistência de regras em relação ao seu processo de produção, e por esse motivo pode ter surgido em qualquer época, com diferentes formatos e com diversas temáticas, com características de resistência frente às grandes editoras ou simplesmente como resultado da comunicação entre indivíduos ou grupos. Entretanto, correndo o risco de parecer simplista, partiremos nesse trabalho, da premissa mais aceita pelos pesquisadores, e tomaremos como ponto de partida do surgimento dessas publicações a partir da década de 1930 (MAGALHÃES, 2014).

Dessa maneira, para alcançarmos os objetivos pretendidos neste capítulo foi dividido em três tópicos, no qual primeiramente objetivamos uma aproximação com o

fanzine, evidenciando nesse momento o conceito de fanzine, fazendo uma contextualização historiográfica dessas publicações. No segundo tópico, discutimos acerca de uma nova possibilidade que chega aos editores dos fanzines, os chamados e-zines. E no último tópico do capítulo, trazemos uma discussão teórica de como os fanzines estão sendo percebidos enquanto ferramenta metodológica na educação.

1.1 O que é Fanzine?

Partindo da estrutura etimológica do termo fanzine, podemos concluir que a palavra é resultado da junção entre “os termos ingleses *fanatic magazine*, que viria a significar ‘revista de fã” (MAGALHÃES, 1993, p. 07), sendo o termo criado em 1941, por Russ Chauvenet, entretanto segundo Magalhães (1993), o surgimento dessas publicações ocorreu muito antes da utilização do termo propriamente dito, tendo o seu começo a partir da década de 1930, nos Estados Unidos, sendo produzido por leitores de ficção científica. Para Andraus (2009), o primeiro zineiro seria o poeta e pintor inglês, do século XVIII, pois este já produzia de forma artesanal os seus próprios álbuns, contendo textos e gravuras pessoais, pintado à mão (ANDRAUS 2003, *apud* ANJOS; BARBOSA; ROCHA; STRÖHER, 2009, p.5).

The Comet é apontado como o primeiro fanzine a ser criado e publicado, em maio de 1930, por Ray Palmer para o *Science Correspondance* Clube. Sendo desenvolvido por meio da circulação de correspondências realizada por admiradores de ficção científica, as suas publicações foram lançadas durante muitos anos, sendo mais tarde o seu nome alterado para *Cosmology* (MAGALHÃES, 2012).

Entendendo os fanzines como publicações independentes, que por não visar o lucro, torna-se autônomo diante da imprensa voltada para a grande massa, e conseqüentemente, livres da obrigação de uma linguagem formal e de tabus ditados pelo moralismo do certo/errado. Assim, quando alguém tem interesse por certo tema, basta reunir tudo que julgar interessante – fotos, frases, recortes de revistas, desenhos, etc. – em uma folha de papel (dobrada ao meio ou não) e pronto, temos um fanzine. Além disso, devido à diversificação dos temas dos fanzines, observamos que nos seus textos perpassem discussões desde temas que priorizam as críticas políticas até temas introspectivos (NASCIMENTO, 2010).

O fato destas publicações terem o seu processo de produção desempenhado de forma artesanal, contribuem para que os seus criadores se envolvam em cada etapa da construção do fanzine, para Magalhães (2014) essa acaba sendo uma das características mais importante dessas produções, visto que, proporciona ao editor um conhecimento acerca do universo jornalístico de uma forma geral, abrindo espaço para uma reflexão acerca do processo editorial, e possibilitando a este, a liberdade de criação e escolha acerca do que publicar.

Torna-se importante evidenciarmos que “dentro da perspectiva de comunicação de grupos, os editores e leitores dos fanzines desenvolvem linguagem comuns próprias ao grupo do qual procedem” (MAGALHÃES, 2009, p. 105). Assim, um grupo que desenvolve um fanzine voltado para certo gênero musical, por exemplo, desenvolve um estilo próprio na sua produção de publicação, com demarcações no estilo de linguagem — textos e gírias — e nos aspectos gráficos. Com isso, o fanzine torna-se uma análise particular do criador dessas publicações de um determinado grupo, fortalecendo assim um caráter de literatura específica de identidade de determinada categoria cultural.

Entretanto, podemos de uma forma generalizada utilizarmos definições comuns a todos os grupos que produzem publicações acerca de diferentes temáticas, envoltos no processo de produção dos fanzines. Dessa forma, o termo zine, é frequentemente utilizado como uma abreviatura da palavra fanzine; a terminologia zinar, pode ser empregada para a ação de se fazer o fanzine; fanzineiro ou zineiro, é o sujeito da ação, ou seja, aquele que pratica a arte de zinar; fanzinagem ou fanedição, é o processo de edição dos fanzines; e para designar uma biblioteca de fanzines, temos a palavra fanzinoteca (MAGALHÃES, 2009, p. 105).

Assim, através de um meio próprio de linguagem os grupos ou indivíduos que não encontram espaços dentro do mercado editorial, apropriam-se de uma identidade própria a grupos culturalmente marginalizados; criando palavras que se tornam particulares ao mundo dos editores e leitores de fanzines, diferenciando-os da linguagem utilizada pela imprensa oficial. Isso faz com que esses termos, incluindo a própria palavra fanzine, provoquem certa estranheza ao ser mencionada, pois apesar do fanzine ser frequentemente utilizada em pesquisas, esse tipo de publicação ainda carece de uma maior divulgação e debates.

O reconhecimento dessa linguagem própria pelos editores e leitores, propicia a esses, o acesso ao mundo extremamente rico e diversificado de ideias e valores,

livres de qualquer censura. Com isso, o fanzine torna-se o “porta voz” de grupos marginalizados, que encontra nessas pequenas tiragens o espaço para a experimentação da liberdade, transformando-o em algo particular de cada editor, que trazem no seu jeito de fazer o zine, traços que são inerentes à sua personalidade.

Os zines com o passar do tempo ganham espaço e cada vez mais leitores pelo mundo são entrelaçados pela ideia de abordagens fora de uma mídia convencional e pela diversidade de temas das suas publicações. Apesar dos fanzines, como já mencionado, terem o seu começo atrelado aos fãs de ficção científica, o termo logo passou a denominar também “as publicações de aficionados de outros gêneros, como quadrinhos, terror, literatura policial, música, entre tantos outros” (MAGALHÃES, 2014, p. 55).

Dessa forma, foi somente na década de 1970, com o surgimento dos fanzines voltados para a música, especificamente para o movimento *punk*, que essas publicações vão ser expressivamente popularizadas. E é por esse motivo que alguns autores defendem, esse período, como marco inicial do surgimento dos zines, tal como conhecemos hoje. Entretanto, a grande maioria dos pesquisadores não corrobora com tal marco, pois para muitos pesquisadores o ápice seria a década de 1930 (MAGALHÃES, 2014).

Como afirma Magalhães (2014), o movimento *punk*, foi o grande responsável pela divulgação dos fanzines que abordavam temáticas punks, como outros gêneros de zines. Segundo Barbosa (2008), citando Santos, dois fatores influenciaram para o êxito na propagação dessas publicações pelo movimento: “O sucesso das bandas de rock e o apoio das gravadoras na divulgação dos materiais fonográficos” (BARBOSA 2007, *apud* SANTOS, 2008, p.3). Para Magalhães (2014) esse movimento também contribuiu para um aumento significativo na produção dos zines:

(...) A importância dos fanzines punk para esse tipo de imprensa independente está não só na propagação de suas mensagens, mas por ter criado uma onda irrefreável de publicações. A partir dos fanzines punk, o termo fanzine ganhou popularidade e difundiu-se pelas publicações informativas de fã-clubes ou de grupos de fãs (MAGALHÃES, 2014, p. 60).

A partir do trecho acima, se verifica que a liberdade oferecida pelos fanzines aos zineiros, constituiu em um ponto crucial para o sucesso dessas publicações a partir do seu uso pelo movimento *punk*, como afirma Matos (2014), tais sujeitos

buscam pela desconstrução dos rótulos socialmente impostos, e “Através dessas formas de escrita que o *punk* pôde criar para si lugares excepcionais que permitiram a esses elementos incidir sobre o meio e modificá-lo” (MATOS, 2014, p.5). Com isso, percebemos que os fanzines surgem para os seus editores como um espaço livre, no qual estes podem expressar os seus anseios perante à sociedade, emergindo “como um elemento catalisador de novos e constantes processos de subjetividades” (MATOS, 2014, p.5), a escrita dessas publicações remete à mesma agressividade sonora das manifestações musicais do *rock punk*, bem como caracteriza a anarquia do indivíduo em subverter os rótulos instituídos pelo convívio social de um determinado coletivo.

Os fanzines com um caráter de liberdade, resistência e inovação, ganham o mundo, se difundindo de maneira simultânea por vários países. E apesar da variação em relação às temáticas abordadas pelos zines, tiveram maior destaque e aceitação, pelo menos em um primeiro momento na história dos zines, as publicações realizadas por aficionados das histórias em quadrinhos e de ficção científica, talvez por sua ligação com o modelo estabelecido pelos primeiros fanzines produzidos nos Estados Unidos, na década de 1930, que sem dúvida foi o maior fomentador da produção de zines no mundo.

Com a popularização dos zines pelo mundo, esses chegam ao Brasil, na década de 1960, e assim como em outros países, teve o seu início atrelado aos zines que priorizavam abordagens acerca da temática das histórias em quadrinhos e de ficção científica. Os primeiros zines no Brasil eram impressos em mimeógrafos à base de álcool – equipamento que possibilitava aos zineiros um maior barateamento no processo de produção – pois apesar da existência de outras maneiras para a realização dessas cópias, que possibilitaria uma impressão mais rápida e de melhor qualidade, esse processo tornava-se inviável, devido ao seu alto custo de manutenção na época.

Dessa maneira, os primeiros zines brasileiros, eram considerados, nesse primeiro momento como pequenos boletins, termo utilizado na época para definir as publicações consideradas amadoras, a terminologia fanzine só seria usada a partir da década de 1970 (GUIMARÃES, 2005, p.14). Os fanzines voltados para as histórias de quadrinhos (HQs) tornam-se fontes de renovação para o universo dos quadrinhos brasileiros, para além do mercado dito oficial, pois estes emergem com um caráter de resistência frente às grandes editoras de quadrinhos no Brasil, trazendo nas suas

publicações críticas acerca da valorização por demasia dos quadrinhos estrangeiros. Além disso, os fanzines de HQs tiveram grande influência no processo de difusão dos quadrinhos, “pela formação do público e criação de um espaço essencial de discussão e avaliação dos quadrinhos como expressão artística” (MAGALHÃES, 2003, p.1)

Apesar dos mimeógrafos proporcionarem um baixo custo aos zineiros, por serem manuais, demorava-se muito para a realização das cópias das publicações, contribuindo para a demora entre as publicações, facilitando para o desaparecimento de muitos fanzines, além disso, esse instrumento não permitia a reprodução de ilustrações, por isso nesses primeiros zines foram predominantes os textos. Embora os avanços tecnológicos, e de muitos zineiros preferirem as impressoras, ainda hoje se torna possível encontrarmos zines que são copiados com os mimeógrafos, como é o caso do zine *Folha de Quadrinhos*, desenvolvido por Gonçalo Júnior, que utiliza forma bastante criativa de papel carbono de diversas cores (GUIMARÃES, 2005, p.24).

Surgem simultaneamente no ano de 1965, o zine (na época chamado de boletim) *O Cobra*, resultado da I Convenção de Ficção Científica, realizada em São Paulo, nos dias 12 e 13 de setembro, este era dedicado ao gênero para os aficionados de ficção científica. E o outro fanzine, veio com a fundação do “Intercâmbio Ciência-Ficção ‘Alex Raymond’ (em homenagem ao desenhista de Flash Gordon)” (NEGRI, 2005, p.3), por Edson Rontani, lançando no dia 12 de outubro o boletim denominado de *Ficção*, em Piracicaba, São Paulo, e apesar do nome, o zine abordava questões relacionadas às histórias de quadrinhos.

Foi nas décadas de 70 e 80, que houve uma maior propagação dos fanzines no país, com diferentes temáticas. Com a popularização das máquinas fotocopadoras houve a possibilidade de um melhor aproveitamento de tempo, otimizando as produções; os zineiros podiam fazer mais cópias com menos custos, além da possibilidade do aprimoramento dos aspectos gráficos das publicações, a facilidade também fez com que emergissem novos zineiros, visto que, estes recebiam mais informações, proporcionando um aumento considerável de material distribuído, sendo o combustível para a reflexão e motivação da produção dos seus próprios zines.

Entretanto, a década que parecia ser o clímax do desenvolvimento dos zines no Brasil, transforma-se no seu momento de estagnação. Na segunda metade da

década de 80, a produção dos fanzines no Brasil passa por uma crise, que veio junto com a crise econômica, ao qual o Brasil estava inserido. Essa crise fez com os preços dos materiais utilizados na produção dos zines tivessem um aumento, agravando ainda mais o problema da periodicidade dessas publicações, que causava um efeito negativo para a fidelidade dos leitores e também dos próprios editores que desestimulados acabavam desistindo de lançamentos de futuras edições, contribuindo para o desaparecimento de muitos fanzines durante esse período, a crise auxiliou para a diminuição das vendas e trocas, que com o aumento das tarifas postais, ficava quase que inviável a distribuição para os leitores (MAGALHÃES, 1993, p. 51).

Em detrimento do fator econômico, os fanzines brasileiros passaram também por uma crise de identidade, pois apesar de ser considerado como um *hobby*, muitos editores viam nesse tipo de publicação a chance de alcançar as grandes editoras, e conseqüentemente, um número maior de leitores, não conseguindo obter tais objetivos, estes acabavam frustrados com os limites impostos por essas publicações, visto que, os zines não visam o lucro e geralmente circulam por um mesmo grupo de aficionados, ou seja, por um mesmo público, que trocam informações acerca de um determinado tema, não sendo necessária a formalidade das revistas profissionais (MAGALHÃES, 1993, p. 52).

Por esse motivo, muitos editores acabavam desistindo dos fanzines, sentindo-se desestimulados com o processo de produção, para muitos desses editores, a facilidade e a popularização que adveio com as máquinas copiadoras permitiu a produção dos zines por qualquer pessoa, acarretou no descrédito desse tipo de publicação (MAGALHÃES, 1993, p. 53.). Para os editores as publicações desses leitores, e agora escritores, permaneciam sem credibilidade, pelo fato dos zines virem acompanhados de erros ortográficos, e sem nenhuma preocupação com “aparência” das publicações. Entretanto, ao percebermos as características fundamentais, torna-se paradoxal tentar entender os zines fora desse contexto, pois esse caráter informal é justamente o que diferencia de qualquer outra publicação – como das revistas.

Com a crise instalada, restava aos apreciadores – editores e leitores dos fanzines – buscar soluções para evitarem mais desgastes na produção dos zines, mesmo sendo uma produção de baixo custo, a crise econômica afeta a produção de modo geral, conseqüentemente a elaboração dos zines em larga escala, na tentativa

de reaver a efervescência das publicações diversos debates e encontros foram realizados, para Guimarães (2005) nem tudo que aconteceu nesse período foi perdido (GUIMARÃES, 2005, p. 18), pois foi nesse período que foram lançados fanzines que traziam nas suas páginas uma intensa discussão, gerando uma avaliação do processo de produção dessas publicações no país e no mundo, que se manifestou diante das críticas levantadas pelos editores e leitores.

Sem dúvida, a crise na década de 1980, provocou a diminuição dos zines no Brasil, mas também auxiliou para um processo de reflexão acerca do fazer fanzine, contribuindo para um aperfeiçoamento e definição do “fazer zine”, afetando diretamente no melhoramento das características do zine brasileiro, e muitas soluções foram apontadas para retomadas das produções; como a “realização de encontros de editores à formação de grupos, da criação de editora nacional à compra de impressora” (MAGALHÃES, 2014. p. 107), tais soluções podem ser observadas por meio da interação que existe, atualmente, entre os zineiros, na medida em que essas publicações viabilizam a propaganda de outros zines.

É a partir do começo da década de 1990, que os esforços desses zineiros começam a aparecer e essas publicações voltam a ganhar força no país, quadro este que permanece até a contemporaneidade (GUIMARÃES, 2005, p.19), com um leque de possibilidades, os editores, abordam inúmeros temas, que nos possibilitam a realização da confecção de todo tipo de fanzine acerca de qualquer temática. O zine continua contribuindo para dar voz e para a exposição de trabalhos coletivos ou individuais que são renegados pelo mercado editorial dito oficial ou simplesmente para aqueles que procuram nos zines um espaço para reflexão pessoal.

1.2 E-Zine: os zines e as tecnologias digitais

Com os avanços tecnológicos, os fanzines ganham espaço dentro do ambiente virtual, são os e-zines, que assim como os fanzines impressos, são considerados publicações independentes, produzidos por amadores, por uma ou mais pessoas, que se reúnem em torno de gostos comuns e para troca de experiências (ZAVAM, 2007). Os editores têm encontrado nos computadores programas recheados de recursos gráficos, colaborando para uma estética limpa, possibilitando aos e-zineiros uma adaptação da linguagem gráfica e causando o mesmo efeito de resistência que os fanzines artesanais.

Haydée Crystina Felipe Borges (2009) considera que tais acontecimentos não foram ocasionados somente pelos recursos tecnológicos (suportes técnicos), mas, sobretudo, por uma inquestionável mudança de pensamento e das inter-relações provocadas por uma linguagem, comunicação e comportamento próprio de um novo espaço de relacionamento, no qual desenvolvem novas formas de sociabilidade que foram ocasionados pelo surgimento do ciberespaço e da cibercultura:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 1999, p. 17).

O desenvolvimento dos e-zines está intimamente ligada às relações provocadas pela mudança no pensamento da sociedade. Através do ciberespaço, que ocasionou um novo dinamismo na comunicação entre pessoas de diferentes lugares, atingindo diferentes grupos sociais. Com isso, as informações acessadas e compartilhadas são resignificadas admitindo novas representações e interpretações.

Os fanzines, que tinham a sua produção feita através das bricolagens, hoje virtualizam-se e transformam-se nos e-zines e garantem aos que dominam os recursos virtuais um aspecto gráfico mais limpo, "livre das imperfeições dos tipos datilográficos, dos riscos de canetas e colagens de originais" (MAGALHÃES, 2009, p.110), facilitando o modo de distribuição, visto que, a internet tornou-se também o seu próprio meio de propagação e compartilhamento, que acontece de maneira rápida e simultânea em várias partes do mundo.

O uso da internet também favoreceu a visualização das publicações nas suas cores originais, pois como averiguamos, os zineiros ao fazerem uso da xerocópia para a reprodução e distribuição dos zines, o fazem geralmente por meio das fotocópias que são reproduzidas em preto e branco, pois a reprodução dessas cópias em cores ainda é um processo caro que resultaria em um aumento de valor considerável na produção dos zines. Já por meio dos fanzines virtuais, torna-se possível não só a visualização das imagens em cores, como também reprodução de sons, de uma forma gratuita para os editores e leitores das publicações.

Se por um lado, os e-zineiros aproveitaram os recursos oferecidos pelo mundo virtual, por outro lado, muitos leitores e editores criticam essas produções virtuais, pois acreditam que o e-zine não deve ser compreendido como uma adaptação ou transformação dos fanzines para a rede de computadores e defendem que o processo de virtualização do fanzine descaracteriza o elemento essencialmente artesanal dessas publicações. Assim, para os críticos, os e-zines são considerados como outro tipo de publicação, visto que, para se qualificar enquanto fanzine deveria manter uma linguagem que evidencie a subjetividade de cada traço das letras do seu editor, o labor artesanal, a “presença da alma e do suor do editor, com suas imperfeições e máculas, próprias da expressão humana mais autêntica” (MAGALHÃES, 2009, p.110).

É certo, que a forma virtual dessas publicações, está se popularizando cada vez mais, devido à facilidade de criação dos e-zines com uma elaborada proposta gráfica e com a possibilidade de alcance maior dos leitores. Entretanto, nós acreditamos que os e-zines, aparecem não como substitutos dos fanzines impressos, visto que é possível encontrarmos fanzines que circulam ao mesmo tempo no formato impresso e virtual, como é o caso do e-zine *As Flores Mortas do Palhaço* – publicação que circula na cidade de Salvador-BA –, mas como uma nova possibilidade de acesso, distribuição e compartilhamento das informações existentes, ampliando o alcance dos amantes dessas produções (ZAVAM, 2007). Os fanzines assumem características que variam de acordo com a subjetividade de cada editor, pois existem os que circulam apenas no formato impresso ou digital e os que tiveram a sua origem no meio virtual, mas que logo passaram a ser distribuídos no formato impresso.

Os e-zines mostram-se democráticos na medida em que possibilitam um acesso rápido, ou seja, uma comunicação imediata entre os editores e leitores por intermédio das salas de discussões, viabilizando a colaboração. Além disso, promovem a redução dos gastos realizados pelas taxas postais, já que a sua distribuição é realizada através de e-mail, das redes sociais e dos sites que são disponibilizados na rede de computadores, contribuindo para a otimização das trocas de informações entre os aficionados (MAGALHÃES, 2003, p. 4).

As transformações advindas com a popularização da internet possibilitaram aos zineiros novas maneiras de experimentação acerca desse universo, proporcionando assim uma oportunidade de participação na produção e distribuição

de conteúdos culturais através do acesso por meio de equipamentos eletrônicos, como por exemplo, os computadores, os *smartphones*, os *tablets* e as *smarts TVs*, que são conectados ao ciberespaço através da internet e de ferramentas que possibilitam a edição de vídeos, fotos, músicas e textos. Devido a essa mobilidade virtual, os limites geográficos antes estabelecidos pelas fronteiras da distância, foram pontualmente desaparecendo em meio aos processos das relações tecnológicas, provocadas pela propagação da internet.

1.3 Fanzines na sala de aula?

Na contramão de um sistema rígido educacional percebemos significativas mudanças no âmbito escolar, que abre espaço para uma nova perspectiva construtivista, com métodos que nos permitam refletir sobre a construção de um conhecimento, que valorize a mútua colaboração entre professores e alunos, o senso crítico e a expressão do alunado. Com isso, precisamos pensar em uma educação que tenha como base a desconstrução do saber uniforme e burocrático, que permita ao professor uma ruptura com ensino monótono, rotineiro, obrigatório e desvirtuado da realidade do aluno, que valorize a arte e a criatividade, buscando com isso um ensino que deforme e não que forme pessoas críticas com o seu próprio modo de ler o mundo.

O ensino que deforma é aquele que aposta em formas novas, maneiras novas de praticar as relações de aprendizagem. Ensino em que não teria lugar a rotina, a mesmice, a homogeneidade dos saberes e procedimentos, em que a disciplina ou as disciplinas não seriam o fundamental, mas a criatividade, a capacidade de pensar coisas novas, de formular novos conceitos, de praticar atividades desrotinizadas, lúdicas, atividades capazes de estimular a sensibilidade, práticas e formas de pensamento capazes de oferecer às crianças matérias e formas de expressão para elaborarem subjetividades, subjetivarem distintas formas de se dizer Eu. (ALBUQUERQUE JUNIOR, s/d, p. 10).

Pensando nisso, o fanzine como ferramenta metodológica se mostra potencialmente capaz de contemplar as novas demandas educacionais, visto que, com o mínimo de recursos, é possível proporcionar aos professores uma aula didática e lúdica. Além disso, os zines possuem uma linguagem atrativa, principalmente para os jovens, pois essas publicações têm características informais e chamam a atenção por sua liberdade editorial, surgindo espaço para a experimentação.

Um fanzine utilizado no processo de ensino aprendizagem não deve ser avaliado pelo seu conteúdo ou pela estética, ou seja, nos zines não existe certo ou errado, bonito ou feio, mas pelas características particulares de cada aluno, fazendo com que os alunos despertem para “fato óbvio (e, talvez exatamente por esta razão, tão pouco explorado): o de que todos temos algo a dizer e maneiras particulares de fazê-lo” (CAMPOS, 2009, p.2); e que conseqüentemente, não existem verdades absolutas, mas o que se têm são visões diferentes sobre um determinado assunto/tema.

O zine torna-se um forte elemento catalizador de estímulos para o uso da criatividade, contribuindo para uma aula dinâmica e divertida. Essa ferramenta metodológica se mostra bastante eclética, visto que, pode ser trabalhada em qualquer disciplina – matemática, educação física, história, geografia, biologia, português, artes, etc. – e em diferentes níveis educacionais (fundamental, médio e superior); permitindo aos docentes infinitas possibilidades quanto ao seu uso em sala de aula. Com isso, o zine traz com a sua simplicidade, “o rompimento da relação burocrática entre o estudante e o papel, entre o adolescente e suas expressões” (CAMPOS, 2009, p. 7-8).

Além disso, por seu caráter editorial artesanal, trazer os zines para a sala de aula propicia aos alunos uma ação de reflexão acerca da escolha das informações, isto é, o aluno precisará realizar uma pesquisa para identificar quais os dados mais relevantes a serem coletados para a elaboração da sua publicação, proporcionando o desenvolvimento do conhecimento crítico sobre uma determinada informação, do conteúdo/tema e do seu cotidiano.

Dessa maneira, integrando a comunicação entre imagens e textos, o zine, refletirá no discente como um espaço aberto para expressar suas ideias, e a sua visão de mundo, e isso possibilitará uma compreensão dos “elementos constitutivos de sua cultura e, por sua vez, ver-se inserido como sujeito integrante de sua formação” (NASCIMENTO, 2009, p. 121). E esse método colaborativo, portanto, influi como uma ferramenta autoral, e “enriquecedora das vozes dos estudantes, comunicando significados, construindo e reconstruindo saberes” (NASCIMENTO, 2009, p.126).

O fanzine assume uma forte característica de comunicação, visto que, esse atua como um veículo que vincula a realidade social do aluno à escola. Desse modo, o alunado ao produzir o zine, percebendo este como uma publicação autêntica do

seu criador, levará ao desenvolvimento de modo autônomo da sua capacidade de “se expressar não apenas perante a comunidade escolar como um todo, mas também para a comunidade extra-escolar (amigos, família e parentes)” (CAMPOS, 2009, p.1); permitindo uma troca de inter-relações, entre o universo que permeia a escola e o aluno, e a socialização com o meio.

A escola deve proporcionar ao aluno o favorecimento de um espírito criativo, que permitirá o desenvolvimento cognitivo e a criticidade entendida não só pela capacidade do aluno de opinar acerca de um determinado assunto, mas que esse possa refletir acerca dos próprios argumentos que o levaram à conclusão da sua opinião. Assim, o professor deverá proporcionar ao discente os meios necessários para que este possa perceber os diferentes discursos em torno de um mesmo objeto, proporcionando uma autorreflexão, que possibilite as comparações e o discernimento das semelhanças e diferenças.

Com isso, os fanzines por serem essencialmente publicações demarcadas por características livres, ao serem produzidos não devem ser guardados em uma gaveta ou simplesmente corrigidos com uma caneta vermelha e devolvidos, mas devem ser distribuídos ou expostos para a comunidade escolar, proporcionando aos demais alunos o contato com as diversas interpretações que um mesmo assunto pode proporcionar, auxiliando a promoção da criticidade, servindo como um elemento catalizador que promove no estudante, a possibilidade do pensar em si enquanto sujeito histórico.

2 PÁGINAS DE AUTORIAS E SUBJETIVIDADES

Nesse capítulo evidenciaremos os fanzines produzidos por zineiros, percebendo como estes desempenham por meio das suas publicações elementos como: experimentação, liberdade, criatividade e criticidade, analisando como tais características podem ser aplicadas no ambiente escolar, compreendendo por meio dessa análise os zines enquanto fontes possíveis para a História, como também para o ensino de história. Essas produções trazem em suas páginas autorais características que denotam a voz de sujeitos que buscam por legitimidade de um espaço que seja aberto às suas indagações e anseios que são frequentemente menosprezados por uma lógica de sociabilidade.

Por meio da análise de um fanzine, torna-se possível perceber as preocupações ou mesmo os discursos que um determinado grupo produz dentro de um contexto histórico, por isso são percebidos como instrumentos capazes de capturar um determinado cenário social (CASTELO BRANCO, 2008). Essas publicações nos ajudam a compreender o cotidiano de pessoas que usam desse espaço para expressarem as suas críticas, articulando com criatividade os seus anseios, que são geralmente ignorados pela mídia empresarial. É possível também analisar como esses editores se percebem enquanto sujeitos da estrutura social dominante, como também suas interpretações de si e do seu meio.

(...) Neste sentido, os fanzines podem, historicamente, ser vistos como instrumentos por meio dos quais são forjadas microrresistências e microliberdades que, subrepticamente, subvertem – ou procuram subverter – a racionalidade panóptica que regula a vida nas cidades. (CASTELO BRANCO, 2008, p. 176)

Percebemos os fanzines como prática social e cultural de grupos específicos, que permanecem à margem de uma imprensa dita oficial, procurando por meio dessas publicações, encontrar espaço para a resistência frente ao sistema no qual estão inseridos. Os fanzines através das suas bricolagens assumem um caráter subjetivo, permitindo ao pesquisador perceber características de um determinado tempo histórico, ou seja, o fanzine como produção humana, torna-se um elemento catalizador que permite “a percepção sócio-histórico-cultural do indivíduo em seu ambiente coletivo” (NASCIMENTO, 2010, p. 121).

2.1 Entendendo as páginas de autoria

O zine pode ser entendido como uma literatura de protesto, que não se encaixa na linguagem veiculada pelos meios de comunicação de massa. A desvalorização atribuída aos zines pela imprensa, pode ser relacionada ao produto essencialmente desordenado, que incomoda pelo seu caráter de liberdade, procurando através de sua composição - imagens, textos, poesias – provocar o leitor para uma leitura fora dos padrões da linguagem oficial. Pensar nessa desvalorização é entender o jogo de interesses que pauta a grande imprensa brasileira, que se mantém engessada na manutenção de um sistema desenvolvido para o controle social-político-cultural, que seleciona e manipula as informações para a perfeita absorção pelos receptores.

Essas publicações são campos de experimentação, que provocam uma (des)territorialização no comodismo de uma linguagem midiática, desenvolvendo-se de maneira livre, sem demarcações de certo/errado. Assim, os fanzines enquanto linguagem marginal pode ser considerada como uma literatura menor, que ligada ao seu caráter subjetivo, mostra-se como uma resposta ou mesmo fuga de um padrão oficializado pelo mercado editorial, percebendo essas publicações como um devir minoritário, que não se encaixam nas linhas do desejo dos padrões oficiais (DELEUZE; GUATTARI, 2015), percebendo enquanto publicações que denotam um aspecto individual do zineiro em relação ao seu contexto social.

Os fanzines ao subverterem os padrões usuais dessa literatura oficializada pela comunicação empresarial tornam-se procedimentos que potencializam expressões políticas-sociais-culturais, do coletivo. Essas publicações independentes assumem um conjunto de características de desconstrução de uma realidade linear e ordenada, e que permite ao leitor uma leitura reflexiva de um mundo caótico, possibilitando ao leitor/editor a construção das suas próprias regras de conduta, proporcionando “uma relação de si consigo na constituição de si mesmo como sujeito” (FOUCAULT, 2007, p. 11).

Partindo dessa premissa, as problemáticas levantadas pelos fanzines a serem analisados nesse capítulo e assim como as demais fontes históricas, nos propiciam diversas interpretações, logo, não seria a nossa intenção e nem poderíamos esgotar as possibilidades de compreensão acerca dessas fontes, percebendo as peculiaridades dessas publicações, que trazem nas suas páginas aspectos de certa desordem

ordenada, e que provoca uma leitura para além das entranhas da normatização do meio comercial e do senso comum.

2.2 Fanzine: discurso e estética

Os fanzines apresentados nesse capítulo possuem temáticas diferentes, visto que, não temos por objetivo principal a realização de uma análise detalhada dessas publicações em relação ao seu conteúdo, mas através dessas fontes percebemos como tais aspectos subjetivos podem ser incluídos na sala de aula, especificamente para o ensino de História. Além disso, da totalidade dos zines aos quais tivemos acesso, muitos estavam prejudicados enquanto a sua visualidade e por isso tivemos como critério de escolha das publicações analisadas as que julgamos estarem em melhores condições de nitidez.

As publicações analisadas foram produzidas artesanalmente, sendo algumas originárias da cidade de Teresina-PI, zine *Jardim Atônico*; do Estado de Pernambuco os zines – *Sue: luz, câmera*; *Sue: blue angel e outros bichos*; *Sue: as estrelas da noite*; *Sue: a dona da noite*; e Caçapava- SP – zine *Lixo Moral*. Apesar de nesses zines constarem informações como o autor, data e local em que foram produzidos, outras publicações que foram analisadas não possuem essas informações, estão ausentes ou pelo menos não foi percebido durante a análise, como é o caso dos zines *Cata se: as lições do desastre* e o zine *Globalização* – em que consta apenas autoria ou como eles se denominaram “os fugitivos”.

Muitos dos zineiros preferem simplesmente não realizarem demarcações de tempo, espaço ou autoria, denotando uma preocupação ou mesmo resistência a demarcações que são aplicadas ao mercado do consumismo, idealizando problematizações que se tornem atemporais. Além disso, o fanzine ao chegar às mãos de um leitor pode ser olhado para além dos dados pré-estabelecidos, sem autor ou mesmo sem características que demarcam previamente um texto; ficando livre para interpretações próprias de cada leitor/editor.

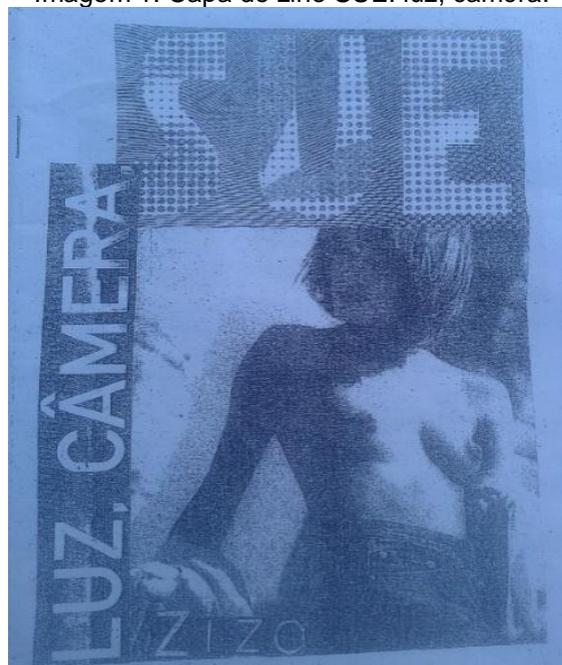
Os zines *Sue: luz, câmera*; *Sue: blue angel e outros bichos*; *Sue: as estrelas da noite*; *Sue: a dona da noite*, são parte de uma coleção do zineiro Zizo, e são produzidos artesanalmente, como supracitado, no Estado de Pernambuco, no ano de 2014, mas apesar de ter o Zizo como editor, percebemos que esses zines trazem publicações e imagens de outros editores/leitores, mostrando o compartilhamento de um grupo sobre

a temática que é levantada nesses zines. Evidenciamos que existe uma padronização na organização desses zines, pois na capa das quatro publicações que tivemos acesso, notamos que há uma figura central: a mulher. Os traços apresentados no nome *Sue*, traz uma caracterização aparentemente relacionado ao momento em que a personagem central do zine (mulher) está na própria apresentação da capa.

Os títulos também perpassam pelo imaginário do tema central, no zine *Sue: a dona da noite* mostra uma letra bem marcada e duas mulheres que transbordam atitude, passando a ideia de autonomia dessas mulheres na escuridão da noite, em vivenciar os prazeres da carne, sendo proibido ao senso dos bons costumes. Essa autonomia é vivenciada pela personagem mulher denominada Sue, que vive para além do dito convencional.

No zine *Sue: as estrelas da noite*, este faz a mesma denotação e mostra uma mulher, que se percebe enquanto produtora da sua identidade, dos seus próprios padrões e assume o seu direito de autonomia para além dos padrões estéticos, produzindo uma autoafirmação enquanto consumidora do seu realizar. O zine *Sue: luz, câmera* traz na sua capa uma mulher com os seios à mostra e no *Sue: blue angel* e outros bichos, o autor também traz na capa uma mulher que aparentemente observa o cotidiano daquilo que parece ser um metrô, também despida, denotando a consciência de uma liberdade do seu próprio corpo, rompendo com o silêncio deste e com isso perpassando ao leitor o direito da mulher de ter a sua liberdade sexual.

Imagem 1: Capa do zine SUE: luz, câmera.



Fonte: arquivo pessoal.

Os produtores de fanzines procuram, através do apelo imagético e do jogo de significados das palavras, romper com ideias cristalizadas, que por vezes acabam reinventando e resignificando o sentido dessas imagens e palavras. Assim, na imagem apresentada acima ilustra a capa do fanzine *Sue: luz, câmera*, notamos que há um deslocamento do moralmente aceito, provocando o leitor para o questionamento acerca do desenvolvimento de uma normatização do que é o ideal de moral e dos bons costumes; deixando transparecer através da imagem uma perspectiva que desestrutura e possibilita as interpretações da realidade, renunciando ao dizer, dando ao seu leitor a oportunidade de levantar os seus próprios questionamentos.

Percebemos que em linhas gerais o editor dos quatro zines apresentados, faz uso de imagens que mostram mulheres nuas, proporcionando os questionamentos com um sistema que bloqueia e reduz as sensações femininas ao contentamento do prazer masculino. As mulheres e a liberdade de expressão de seus corpos são sempre retratadas em meio aos sons e imagens do cenário urbano e estes acabam se integrando aos versos do zines.

Entretanto, torna-se necessário ressaltar que os questionamentos percebidos nesses zines podem nos levar a interpretações ambíguas, pois ao mesmo tempo em que percebemos esses zines como caracterizadores ou mesmo condicionadores do posicionamento de liberdade da mulher em relação ao seu próprio corpo, também percebemos características que nos levam a questionarmos acerca dos discursos que são encontrados nas entrelinhas do editor, que por vezes perpassa a mulher enquanto um “ser” produto-objeto, como percebido no trecho do zine *Sue: a dona da noite*:

Sue num aparente aparato olha-se ao espelho. Seus olhos estão vermelhos. Seu corpo-cardápio tem sandices para larápio, muitas esquinas traquinas pela sutra doutrina: amar, sugar, numa folga dessa suprema yoga onde o prazer se joga nutriente e deslumbrante. Laxante e luxante. (SUE: A DONA DA NOITE, 1ª edição, 2014, p.16)

Ao apresentar o corpo da mulher enquanto “corpo-cardápio”, perpassa a ideia do imaginário da sociedade a respeito da mulher como um objeto que está a serviço do prazer. Pensar nesse discurso é rever o contexto no qual esse fanzine foi produzido, que mesmo caracterizado pela tomada do ideal de liberdade da mulher, mostra-se por vezes atrelado ao sistema patriarcal, reproduzindo uma mulher erótica, imersa pelo olhar do prazer masculino.

Dessa forma, é necessário perceber o contexto em que esse zine foi publicado, pois mesmo atrelado ao sentimento de ruptura com um sistema repressor e que normatiza e diferencia o certo do errado, trazem nas suas páginas um processo de construção de discursos carregados de intencionalidades do período histórico no qual essa produção está inserida. O autor coloca no final do seu zine *Sue: blue angel e outros bichos*, a seguinte expressão “Sue para todas as mulheres. E para aqueles que as amam” (contracapa), mas cabe aqui o seguinte questionamento: amam em que sentido? Deixando assim, livres para as múltiplas interpretações que estão imersas nos zines.

Essas publicações nos levam aos questionamentos dos nossos próprios conceitos, que ficam engessadas a um determinado contexto social, e essas inquietações nos levam a produção de novos saberes e relações com o nosso próprio meio. É justamente essa provocação que devemos proporcionar aos alunos na sala de aula, fazendo com que estes interajam com novos conceitos e experimentações de uma realidade diversa ao que é propositalmente veiculado pela escola enquanto instituição da disciplina e da idealização dos bons costumes, que busca atingir um determinado saber, capaz de produzir indivíduos submissos às estratégias de poderes que são propagadas por uma classe dominante, como nos esclarece Michel Foucault:

(...) A penalidade, a vigilância e o controle seriam então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles (FOUCAULT, 1987, p. 230).

A escola constituída sob um aspecto tradicional produz um conhecimento pragmático, pautado no controle e na disseminação da preparação do indivíduo enquanto mão de obra, que deve estar apto ao exercício da dominação e do controle, sendo potencialmente preparado para atender as necessidades do sistema capitalista. A instituição escolar tradicionalista acaba sendo um espaço de separação, visto que, essa instituição acaba selecionando os melhores, dos ditos piores, alunos, restando apenas a punição e o desprezo aos indisciplinados, não produzindo nenhuma intenção de inclusão desses. Com isso, os fanzines, apresentam para os alunos uma oportunidade de conhecimento, que através das suas publicações atravessam os muros desse poder normalizador.

Entretanto, percebemos que a escola e o modo de aprender passam por moderadas transformações na sociedade contemporânea, pois constatamos que emerge o discurso de um ensino construtivista, resguardado por instrumentos legais como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (História) – amparado pela Constituição federal de 1988, nos seus artigos 204 a 214 – que destacam a valorização de uma educação pautada nas experiências cotidianas do alunado, provocando uma construção de um conhecimento autônomo; além de possibilitar ao educando instrumentos metodológicos que permitam o desenvolvimento de uma reflexão sobre si mesmo, dentro de um contexto sócio/político/cultural.

Percebemos que os fanzines se constituem enquanto possibilidade de resistência frente a uma escola tradicionalista e também como uma perspectiva metodológica capaz de alcançar os objetivos abordados pelos parâmetros curriculares nacionais. Esses pequenos informativos viabilizam através do seu caráter autoral e subjetivo, o reconhecimento do educando sobre seu papel ativo dentro da construção do processo de ensino-aprendizagem, gerando um conhecimento que vai além do saber científico (livro didático), isto é, apreensão conteudista, mas provoca também um conhecimento artístico, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade e imaginação, que auxilia na ampliação da sua percepção perante as relações sociais.

Os fanzines não apresentam uma escrita linear e organizada, trazendo nas suas páginas geralmente temas relacionados aos anseios do cotidiano, desenvolvendo através da sua escrita caótica um deslocamento de sentidos e de ações dentro da lógica de sociabilidade, modificando as inter-relações dos modos de pensar com os indivíduos do grupo social e do seu próprio contexto enquanto sujeito histórico, atuando como receptor de múltiplas interpretações. Além disso, os zineiros com o intuito de atrair a atenção ou até mesmo de provocar uma ruptura com o tradicionalmente aceito, fazem uso de um “tom irônico e jocoso em seus textos” (CASTELO BRANCO, 2008, p.751) como exemplificado na página do zine *Lixo Moral*:

Imagem 2: Zine *Lixo Moral*, nº 7.

Fonte: arquivo pessoal.

Os zineiros apresentam características únicas, pois estes se apropriam de imagens e figuras tradicionalmente postas, como é o caso da figura do vampiro retratado no zine, utilizadas sem pudores, com o intuito de ocasionar um novo sentido, possibilitando interpretações ousadas e fora do senso comum, que busca “não apenas confundir ou contestar algo, mas também liberta o objeto de sua seriedade” (SILVA, 2013, p. 47). A liberdade e a provocação representada pelo vampiro que sai da representação óbvia, ou seja, sugar o sangue pela veia jugular (veia que fica localizada no pescoço), sofrendo uma metamorfose – passa a “chupar” o pênis, retirando dessa ação a sua vitaliciedade, nos possibilita pensar na atuação desse fanzine enquanto resistência na defesa de uma liberdade sexual, refletindo acerca dos discursos tidos como verdades absolutas, que contribuem para o engendrar dos preconceitos fora dessa dita verdade.

O fanzine ao resignificar o sentido de palavras, textos e imagens, levam a desconstrução de pensamentos que permanecem presos a obviedade, já que, imaginar viver fora dos padrões estabelecidos torna-se praticamente impossível. Entretanto, esses pequenos informativos trazem nas suas folhas uma reflexão implícita, visto que, tais modelos ou normas foram historicamente construídos para

favorecer uma demanda social de poucos, sendo por isso, carregados de intencionalidades. E essas publicações por estarem livre da censura e de produzirem sem intenção de lucro, podem levar para o ambiente escolar essa liberdade, fazendo com que esses alunos percebam as intencionalidades que há por traz dos padrões sociais, que procuram sempre diferenciar e julgar o certo do errado. Essa crítica em relação aos padrões é facilmente percebida em um trecho do texto no zine *Cata se: as lições do desastre*:

Somos Muitos & Faremos Muito Barulho. Ironia, cinismo e sarcasmo são nossas armas. Somos infantis, Mal Educados & Alienados, somos tudo o que o atual meio libertário mais odeia. Nós escutamos o som alto sempre que isto nos convém. Achamos que se o vizinho velho morrer brabo com a altura do som, é porque já era a hora dele. Nós não bebemos água e não limpamos as unhas. Nós não temos o costume de lavar as mãos antes das refeições, a menos que elas estejam sujas. E só nós mesmos temos condição de saber o que significa sujeira para nós. (CATA SE: AS LIÇÕES DO DESASTRE, s/d., s/p.)

O trecho do zine retrata essa condição de pessoas que se assumem enquanto marginais, no sentido de viverem à margem desse padrão socialmente postulado, e refletem a autonomia de viverem segundo os seus próprios conceitos e regras. O zine questiona o ideal de sucesso; na sua capa traz um recorte que mostra pessoas aparentemente diferentes, mas que trazem no seu rosto a mesma expressão de apática, sem nenhuma perspectiva de felicidade. O zine em questão nos traz nas suas bricolagens indagações acerca do então conceito de felicidade, previamente postulado como sinônimo de sucesso:

Imagem 3: página do zine *Cata se: as lições do desastre*.



Fonte: arquivo pessoal

O editor do zine, busca através de um jogo de comparações mostrar o que a sociedade apresenta como socialmente correto e errado. Assim, ele traz na imagem apresentada, um texto (exposto na página anterior) que discute o socialmente repudiado por não constar dentro dos parâmetros comportamentais, ou seja, aquele que não cumpre as regras, que não lava as mãos, que segue as suas vontades e este quando o faz é posto como rebelde e marginalizado; e mostra também recortes de pessoas que representam modelos de pessoas bem-sucedidas.

As bricolagens apresentadas na publicação desse zine nos levam ao questionamento acerca da construção de felicidade na sociedade, que só é possível alcançá-la se o indivíduo se mantiver dentro dos padrões socialmente aceitos, apresentado pela beleza, religião, construção de família, curso superior, e acima o dinheiro, que pode ser representado por uma figura – no canto do lado direito – de uma mulher aparentemente sem sentimentos e se mostra como indiferente a tudo que é representando na página, inspirando todos os ideais de felicidade e de sucesso apresentados na página do zine.

Através da construção de um zine podemos perceber que os editores, em nenhum momento estão preocupados em expressar com clareza os seus questionamentos pronto e acabado, pois este não é o objetivo de um zineiro, tendo

como principal intuito a provocação do seu leitor a fazer as suas próprias indagações. Dessa maneira, o leitor ao realizar a sua leitura acaba se apropriando do texto, através da sua interpretação e de suas críticas, se tornando o próprio editor, possibilitando uma interação com os zineiros. E essa característica de interação proporciona ao zine uma rica cultura de troca de conhecimentos, que o faz vivenciar uma multiplicidade de pensamentos e vivências nas suas publicações.

Os zines são publicações nos quais os seus leitores podem livremente não só expressarem opiniões acerca de uma determinada publicação, mas também escrever sobre essas indagações; transformando os zines em um espaço de inter-relações onde por vezes o autor se confunde com o seu leitor. E isso pode ser exemplificado no zine *Jardim Atômico*, no qual o zineiro escreve ao seu leitor: “Deixe a sua crítica ou sugestão” (JARDIM ATÔMICO, nº 2, 2012). Essa publicação coloca em pauta os questionamentos enquanto um meio de luta contra um sistema que padroniza os comportamentos sociais, que produz um aprisionando em um eterno sentimento de insatisfação.

Você pensa antes agir? Mede as palavras que vai dizer? Cumpre todas as obrigações impostas sem planejar? Você sonha, tem planos, ideias? Cada vez menos pessoas acreditam em si mesmos, vivendo das expectativas estapafúrdias dos outros. Esse mundo de ilusão jamais irá mudar se você não agir por si. Não deixe que as boas possibilidades de agir e mudar o mal que te cerca se percam. Não fique em silêncio. Regurgitando o que não te faz bem! Vá a luta! (JARDIM ATÔMICO, nº 2, 2012).

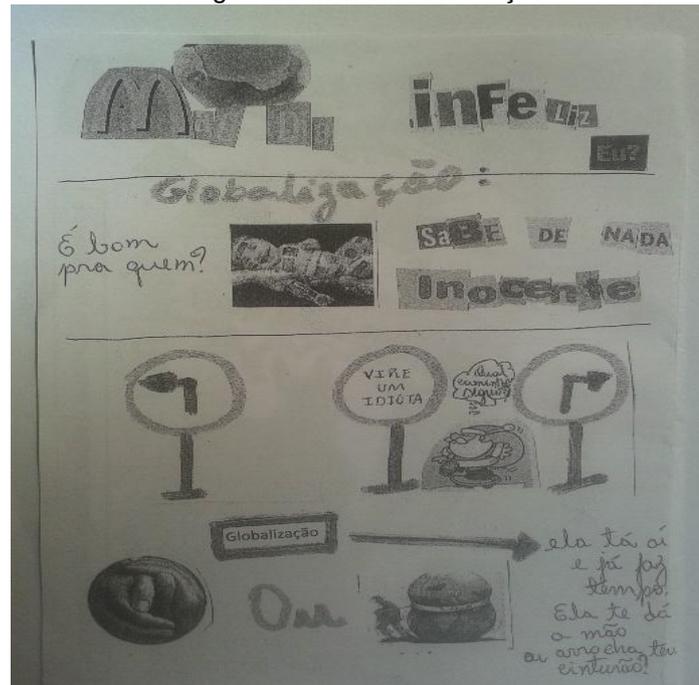
O trecho do zine supracitado não constroi a sua mensagem enquanto afirmação, isto é, o emissor quer provocar o leitor para uma releitura dos seus próprios questionamentos, fazendo com que este se aproprie e se perceba dentro da sua condição enquanto receptor ativo, “a escrita dos fanzines é exposta como uma escrita sem o estabelecimento de um ponto final” (SILVA, 2014, p.8). O zine nos propicia uma interpretação acerca do existencialismo, que denota o livre arbítrio enquanto o constituidor das ações que permeiam o cotidiano, fazendo-nos indagar-nos acerca dos nossos reais sonhos, já que vivemos à sombra dos sonhos de outras pessoas, e esses são incorporados ao nosso ideal de felicidade, que muitas vezes está atrelado ao sucesso postulado pelo sistema capitalista que inculca uma falsa liberdade de escolha, quando na verdade escolhemos dentro de um limite previamente postulado por um ideal de sucesso.

Os fanzines circulam por diversas temáticas, e esse dinamismo proporciona aos leitores/editores um leque de possibilidades; sendo um espaço nos quais indivíduos ou grupos se apropriam para “gritarem” os seus anseios, e com um tom caótico e (des)estruturado, buscam atingir o senso comum do estático e patético mundo, que somente desvalorizam a vida. Essas indagações mostram-se vivas entre as bricolagens, como podemos perceber no trecho a seguir:

Eu não sei por que escrevo, é mais um desabafo mesmo. Essa vida é complicada. Implicar os efeitos daquilo que fazemos não é um exercício comum a todos. Estava fraco, cansado, me sinto sozinho. Mas ultimamente tenho dado valor a ideia de me reinventar, reavaliar o que penso. O lance é não esperar dos outros algo que você tem que resolver por si. Faz tua parte. Não desista, não deprima. Até porque ninguém se importa. É assim que as coisas são. (JARDIM ATÔMICO, nº 2, 2012)

Percebemos que tais publicações trazem no seu sentido uma nova forma de resistência contra uma sociedade que já não ouve, ou se ouve, não se importa, logo, a escrita se faz necessária a partir do momento em que já não suporta mais atuar dentro dos limites impostos pelo funcionamento de uma realidade deprimida pela inexistência das inter-relações, provocados pelos hábitos consumistas, ressaltando que de acordo com Everton Moraes (2010), o termo “consumo” tem o seu sentido ampliando pelo zineiros, pois este não trata só de objetos, mas também gestos, práticas e modos de vida. O consumismo é na atualidade sinônimo de bem-estar social, no qual o próprio indivíduo se torna a mercadoria, como apresentado no zine *Globalização*:

Imagem 4: Zine Globalização.



Fonte: arquivo pessoal

Os editores, ao acrescentar no título do zine as letras “bo”, entre a palavra “globalização” – formando *globalização* – ressignificação do sentido da palavra, atribuindo um caráter satírico, provocando o leitor para um questionamento acerca do processo de globalização. Na imagem apresentada, nos deparamos com uma criança marcada com os logotipos de diferentes marcas de empresas, e assim somos levados a pensar nesse sistema de consumo como algo naturalizado, e que como tal, não podemos viver sem tais produtos, e isso reflete nas nossas próprias ações e no modo de pensar e interagir com o mundo. A montagem das imagens desse zine leva-nos a uma interpretação de um mundo que vive imerso no poder hipnotizador das marcas, que rotulam as pessoas em padrões, e que tudo fora dessa realidade deve ser considerado excêntrico.

Colocando-se enquanto questionador de uma estrutura postulada por um sistema, o zine *Globalização*, traz nas suas páginas indagações sobre o contexto da globalização, evidenciando uma preocupação com as consequências que tal acontecimento ocasiona na contemporaneidade, realizando uma crítica de si mesmo e das intencionalidades do oferecimento das possibilidades comerciais, que ditam e moldam as relações culturais da sociedade, na busca pelo preenchimento do ser feliz e estar dentro do socialmente aceito, e com isso nos tornamos o próprio produto

que deve ser desejável e invejado. O fanzine mostra-se como uma localização do despertar para as novas possibilidades de pensamento, emergindo como contestador de códigos socialmente construídos e propagados como verdade absoluta.

O indivíduo então, utiliza-se dos zines para refletir as suas ações, tendo como ponto de partida as problemáticas do seu cotidiano; e a sua própria existência como objeto de discussão. Trazendo mais certezas que verdades, esses zineiros buscam por uma oportunidade de bagunçar e “sacudir” a ordem do sistema, de maneira sutilmente devastadora, seja através de imagens, textos, palavras ou frases que podem ou não ter o sentido remodelado, ou mesmo por meio de desenhos, recortes, enfim, esses zines trazem nas suas páginas significados, que podem levar o seu leitor e pesquisador a uma gama de interpretações, e conseqüentemente a múltiplos caminhos. E o nosso caminho durante a elaboração desse trabalho é de evidenciar o fanzine como ferramenta metodológica para o ensino de História, para tanto, no próximo capítulo mostraremos como essas publicações podem ser potencialmente desenvolvidas no ambiente escolar.

3 MÃOS NA MASSA: FANZINES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 2003, p. 47).

A disciplina de história por muito tempo foi tratada como uma matéria meramente decorativa, que tinha como principal função a apresentação, por meio de aula expositiva, de grandes fatos, eventos, datas e heróis, sendo o professor o responsável por repassar aos seus alunos o conhecimento, produzindo saberes alienados e desvinculados da realidade do alunado. Entretanto, percebemos que esse modo sistemático de “ensinar” já não é o bastante ou simplesmente não se encaixa no nosso contexto educacional, visto que, atualmente, busca-se um diálogo cooperativo entre professor-aluno na construção de um conhecimento, promovido pelas inquietações cotidianas dessa colaboração.

A educação, então, torna-se o reflexo das necessidades de cada período histórico. Percebemos que tais práticas educacionais já não fazem parte de um processo educacional que prima pelos questionamentos críticos sobre um contexto social-político-cultural, e essas novas exigências nos mostram a necessidade de refletirmos acerca de propostas metodológicas que atendam aos novos anseios educacionais, no qual estamos inseridos (NÉRICI, 1992, p. 13). Nesse sentido, a escola, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2008), deve proporcionar ao educando uma formação autônoma, realizada por meio de um ensino colaborativo, no qual sejam oferecidos instrumentos que valorizem um aprendizado mútuo, viabilizando um ensino que transforme a realidade desses alunos para além dos debates das salas de aulas.

A seu modo, o ensino de História pode favorecer a formação do estudante como cidadão, para que assuma formas de participação social, política e atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e as possibilidades de sua atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual se insere. (PCN DE HISTÓRIA, 1998, p.36).

Os PCNs atuam na perspectiva de um ensino de História que tenha como ponto de partida a articulação dos saberes históricos escolares com o cotidiano do alunado, percebendo que tal ação deve ser desempenhada para o desenvolvimento de uma leitura crítica dentro da lógica de sociabilidade. O ensino de história precisa ser pautado na busca pela criticidade, no qual o aluno possa desenvolver a

capacidade de refletir acerca de um determinado objeto de estudo, possibilitando a este a oportunidade de construir o seu próprio conhecimento, o objetivo do uso das metodologias “deve ser a construção de conceitos, que sejam possibilitadores da produção de uma leitura de mundo” (KNAUSS, 2012, p.37). O professor de história deve fundamentar as suas aulas em metodologias que favoreçam a sua percepção com relação ao aluno enquanto produtor de conhecimento, é preciso ir além do ensinar a disciplina de História, sendo necessário construir esse conhecimento através da relação entre professor-aluno – como nos sugere Paulo Freire (2003) na epígrafe que abre esse capítulo, compreendendo estes como atores no processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, percebemos a necessidade de discussões acerca de metodologias de ensino que priorizem o desenvolvimento cognitivo do alunado, destacando-os como indivíduos autônomos. Assim, esse capítulo terá como objetivo perceber o fanzine como uma possibilidade metodológica que pode ser aplicado em sala de aula, entendendo esse como um método colaborativo, no qual prima pela criatividade e experimentação, e que produz o conhecimento de que todos têm algo a dizer de diferentes maneiras (CAMPOS, 2009).

O método proposto para a discussão desse capítulo será a pesquisa-ação, que consiste em uma metodologia que permite ao pesquisador analisar criticamente as suas ações dentro de uma problemática social, reavaliando o seu campo de atuação, a escola. Os pesquisadores e os participantes da pesquisa atuam diretamente no processo de investigação, tendo como objetivo a busca de estratégias que visam à reflexão da ação, procurando as soluções das problemáticas percebidas.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985, p. 14).

A metodologia da pesquisa-ação se faz necessária, na medida em que, o professor/pesquisador tem como objetivo uma reflexão sobre a ação, ou seja, sobre sua prática docente, na busca pela solução de um problema que está posto no seu cotidiano, atribuindo essa busca aos indivíduos que fazem parte do seu próprio objeto de pesquisa, construindo coletivamente novos saberes, para a realização das

mudanças no ambiente escolar, e conseqüentemente, transformando o relacionamento entre aluno-aula-professor (PIMENTA; FRANCO, 2008). O presente capítulo nos faz pensar sobre a relação prática de ensino-aprendizagem e produção de fanzines como uma ferramenta metodológica de apreensão e produção do conhecimento escolar, produzindo uma reflexão acerca desta metodologia.

Entretanto, é necessário ressaltar que não pretendemos expor uma proposta pronta e acabada em relação a utilização dessa prática em sala de aula, mas, apresentar e discutir uma das diversas possibilidades de utilização dessa ferramenta e a partir dessa reflexão propormos discussões acerca desse recurso metodológico. Dessa maneira, esse trabalho visa a abertura para novas possibilidades de um recurso ainda pouco utilizado nas escolas da cidade de Picos-PI, evidenciando o seu potencial para o ensino de História e trazendo as características peculiares à sua publicação – liberdade, experimentação e criatividade – para o cotidiano escolar.

3.1 Metodologias de produção para os fanzines

Os fanzines utilizados no decorrer desse capítulo são produtos de experiências que aconteceram em dois momentos e períodos diferentes, em 2014 quando aplicamos a metodologia dos fanzines na Escola Normal Oficial de Picos (ENOP), a utilização do recurso foi realizada durante o período no qual estávamos ligados ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), com a turma do 3º ano, no turno da manhã; e no ano de 2016 quando realizamos tal experiência no período de regência da disciplina de Estágio Supervisionado IV, ministrada pela professora Ma. Carla Silvino de Oliveira, realizado na Unidade Escola Mário Martins (UEMM), na turma do 2º ano, no turno da tarde.

As duas escolas onde foram desenvolvidas as experiências dessa pesquisa são da rede pública Estadual de Picos, do Estado do Piauí. A Escola Normal Oficial de Picos e a Unidade Escolar Mário Martins – localizadas respectivamente no bairro Centro e no Junco – atendem a uma grande demanda de alunos, que vem tanto de outros bairros, como da microrregião da cidade, e são geralmente oriundos de classe média baixa. A ENOP contempla apenas turmas do ensino médio da educação básica e funciona nos turnos da manhã e noite. Já a UEMM é destinada a alunos do ensino fundamental (turno da manhã) e médio (turno da tarde e noite).

As atividades nas duas instituições contemplaram o ensino médio – entretanto, o recurso apresentado poderia ser desenvolvido para o ensino fundamental – por uma questão de oportunidade realizamos as experiências voltadas para a modalidade de ensino mencionada. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2008), aos jovens devem ser ofertadas metodologias de ensino de História que viabilizem:

(...) um contraponto que permita resignificar suas experiências no contexto e duração histórica da qual fazem parte, e também apresentar os instrumentos cognitivos que os auxiliem a transformar os acontecimentos contemporâneos e aqueles do passado em problemas históricos a serem estudados e investigados (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2008).

Pautado nos objetivos do trecho supracitado, nos debruçamos sobre os fanzines como uma das ferramentas metodológicas que favorecem o desenvolvimento cognitivo desse alunado, propiciando uma ação educativa dinâmica, no sentido de provocar no aluno o processo de ensino-aprendizagem pode ser desenvolvido de maneira prazerosa, auxiliando-os na percepção do favorecimento de uma educação construída para além dos muros escolares.

Os fanzines desenvolvidos nas escolas foram relacionados aos conteúdos debatidos em sala de aula durante a unidade que trazia como temática *Segunda Guerra Mundial*, na ENOP; e *Escravidão e resistência*, na UEMM. A proposta surgiu da necessidade de proporcionar aos alunos uma abertura de um diálogo mútuo de construção do conhecimento adquirido durante os debates realizados acerca desses assuntos, permitindo também uma valorização do seu conhecimento baseado nas experiências cotidianas, fazendo com que este perceba o ambiente escolar como um espaço prazeroso, realizando o papel principal dentro da aprendizagem.

Para a produção dos fanzines os alunos tiveram como base os debates acerca das temáticas que foram abordadas em sala de aula, além dos saberes produzidos fora do ambiente escolar, ou seja, foi levado em consideração o prévio conhecimento desses alunos. Nas duas escolas mencionadas a metodologia foi pensada como uma forma atrativa e lúdica de instigar os alunos a refletirem sobre o assunto que estava sendo debatido durante o período das experiências – Segunda Guerra Mundial e Escravidão e Resistência.

Essa atividade que por seu caráter atrativo e dinâmico a transforma em um recurso potencialmente capaz de instigar o aluno a repensar acerca da sua própria

visão de mundo, questionando sobre as análises das abordagens discursivas propostas pelos livros didáticos que são disponibilizados e das informações cotidianas que lhe são ofertadas. Os alunos ao organizarem e selecionarem os textos, imagens, recortes de letras, posicionamento das bricolagens, enfim, todo o processo de estética e produção desses zines, foram motivados a pensar e refletir sobre cada aspecto que resultaria na elaboração dos seus zines artesanais (NASCIMENTO, 2010), colocando ali a sua subjetividade enquanto sujeito histórico, até mesmo o menor rabisco seja ele, proposital ou não, pode significar uma forma de expressão e, portanto, deve ser considerado como tal.

Aliás, ao propormos a atividade acreditamos que este recurso deve ser desvirtuado da ideia de uma correção padronizada para todos os alunos, pois prejudicaria umas daquelas que consideramos como a principal característica desse recurso, ou seja, a liberdade para a experimentação das possibilidades de interpretações acerca do tema proposto e no momento em que o zine é pedagogicamente feito como um método em que se pretenda alcançar uma expectativa estética posta aos alunos pelo professor, então tal metodologia não possibilitaria a construção de uma produção criativa e crítica por esse alunado, tornando-se apenas mais um modo sistemático de obtenção de nota, portanto, essa metodologia deve – como foi produzido os zines dessa pesquisa – ser experimentada pelos alunos como a extensão dos seus pensamentos.

Faz-se necessário ressaltar que tal atividade assim como qualquer outro recurso metodológico aplicado em sala de aula, deve ser acompanhado de um processo de planejamento, afinal pretende-se com a utilização dos zines como ferramenta metodológica alcançar um objetivo: proporcionar a esses alunos, através de uma atividade lúdica, um desenvolvimento cognitivo, percebendo-se como ativo no processo de ensino-aprendizado e através da reflexão, proporcionada pelo planejamento, o docente poderá organizar as metas estabelecidas para o processo de ensino-aprendizagem em sala, garantindo uma maior probabilidade de sucesso para a atividade proposta aos alunos.

Planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa. O planejamento enquanto construção transformação de representações é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por

finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo (VASCONCELLOS, 2000, p. 79).

O planejamento em sala de aula proporciona ao professor uma oportunidade de realizar uma espécie de mapeamento, no qual “visa dar respostas a um problema estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de maneira que venha atingir objetivos antes previstos” (LIBÂNEO, 1992, p.221), evitando uma improvisação, no sentido de não serem traçados objetivos para as aulas realizadas, efetuando-as de maneira aleatória. Entretanto, entendemos também que o planejamento não deve ser percebido como algo rígido, pronto e acabado, que deve ser rigorosamente seguido, mas como uma possibilidade de interação e adaptação frente às diferentes realidades escolares e como tal deve ser um processo contínuo de replanejamentos, visando uma busca pelo aperfeiçoamento das atividades desenvolvidas pelo docente (COSTA, s/d).

Ao levar os zines para a sala de aula foi levantada a seguinte pergunta: “Vocês sabem o que é um fanzine”? E respostas foram: “não, nem imagino”; “professora, que nome estranho”; “nunca ouvir falar”, essa notória estranheza em relação ao recurso utilizado evidência como essa metodologia é pouco utilizada nas escolas da cidade de Picos-PI, e esse fato talvez possa ser explicado pelo pouco conhecimento que os docentes têm acerca desse recurso, por isso torna-se fundamental a realização de uma explanação, acerca dos fanzines: contextualização histórica, características e aspectos relacionados a sua produção⁷, proporcionando a esses alunos uma familiarização com os zines.

Essa apresentação inicial, que foi realizada durante as aulas da disciplina, também proporcionou uma curiosidade acerca da atividade e motivados com a proposta apresentada os alunos foram instigados a se tornarem protagonistas perante a produção do seu próprio fanzine. O desenvolvimento da atividade ocorreu após os debates acerca do conteúdo histórico, possibilitando aos alunos apreender o conhecimento acerca da temática proposta e isso os auxiliou nas pesquisas historiográficas do material para a produção do zine.

Depois de realizada a exposição, foram disponibilizados aos alunos os materiais para a realização dos fanzines tais como: folhas de ofício, colas, tesouras, coleções, lápis, canetas, pilotos, revistas, figuras, régua, livros (utilizados para as

⁷ Todas essas informações estão inseridas no primeiro capítulo desse trabalho.

pesquisas). E com esses materiais podemos provocar nos alunos por meio de uma atividade aparentemente fácil e dinâmica uma ampliação das capacidades interpretativas, levando-os a pensar acerca do seu próprio modo de ver o mundo (NASCIMENTO, 2010). Então, uma das vantagens oferecidas pela realização dessa atividade é o seu baixo custo de produção, pois a maioria dos objetos supracitados é de fácil acesso, além de encontrarmos na escola, também podemos contar com a colaboração dos próprios alunos pedindo para que estes tragam de casa esses materiais.

Após a distribuição dos materiais, os alunos foram divididos em grupos, como forma de baratear ainda mais o processo de elaboração desses zines, visto que, os materiais distribuídos – colas, tesouras, papéis, imagens, pilotos, revistas – poderiam ser prontamente divididos entre os membros das equipes, mas também como uma possibilidade de colaboração entre os educandos, já que essa integração permitiu uma socialização de ideias e o acolhimento de opiniões acerca da organização das bricolagens que resultaria na elaboração dos zines dos integrantes de cada equipe. Então, mesmo sabendo que os zines apresentados nesse capítulo foram resultados de produções individuais, percebemos que tal atividade produz um efeito de cooperação entre os estudantes. Assim, o professor também tem a possibilidade de se apropriar desse recurso como uma atividade que pode ser construída coletivamente, ao invés de requerer a produção individual de cada aluno, o docente pode obter a produção de um único fanzine por equipe.

3.2 Rabiscos escolares: analisando as produções dos alunos

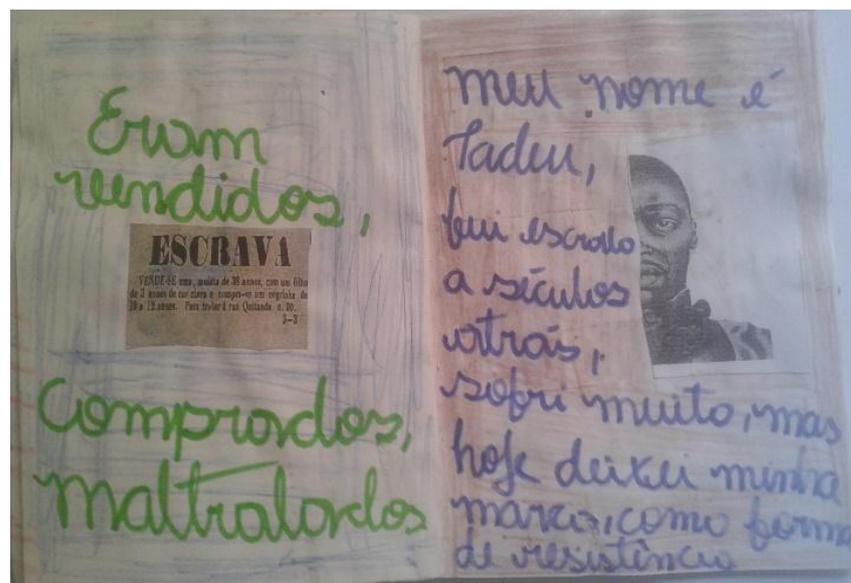
Com a temática definida⁸, ao começarem as produções dos fanzines os alunos se depararam com uma novidade, os zines não teriam uma organização pré-estabelecida e eles teriam que decidir acerca de todo o processo de estruturação e elaboração das suas publicações, isso levou os alunos a levantarem as seguintes indagações: “professora, mas a senhora vai definir apenas o tema? E como a senhora quer a estrutura do fanzine?”; “Professora, essa imagem pode ser colocada assim? Está ficando legal?”; “Professora, posso fazer assim ou acha melhor de outra maneira?”, esses questionamentos nos momentos iniciais da aplicação da atividade

⁸ Na Escola Normal Oficial de Picos, com a temática de Segunda Guerra Social. E na Unidade Escolar Mário Martins, tinha como tema: escravidão e resistência.

evidenciam que estes não estavam habituados com metodologias que explorem o caráter de liberdade, a criatividade e com isso a criticidade dos discentes, a necessidade de agradar o professor com o intuito de obter uma boa nota, em muitos casos acaba inibindo o livre condicionamento desse aluno a um processo de descobrimento deste enquanto ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, aos poucos eles foram percebendo que podiam ser autônomos perante a apresentação e interpretação da temática nos seus fanzines. Depois desse processo de descobrimento das características básicas dos fanzines, a liberdade e autoralidade⁹ realizando a desconstrução da ideia de uma padronização e descaracterizando o bonito/feio ou certo/errado, os alunos começaram a perceber o seu papel de construtor, utilizando as bricolagens que julgarem necessárias e com isso ampliando a sua expressão individual (ANDRAUS apud PINTO, 2012, p.4). Como podemos perceber no fanzine exemplificado abaixo, produzido pelo aluno da UEMM, com a temática de escravidão e resistência:

Imagem 5: Fanzine produzido por aluno da UEMM.



Fonte: arquivo pessoal

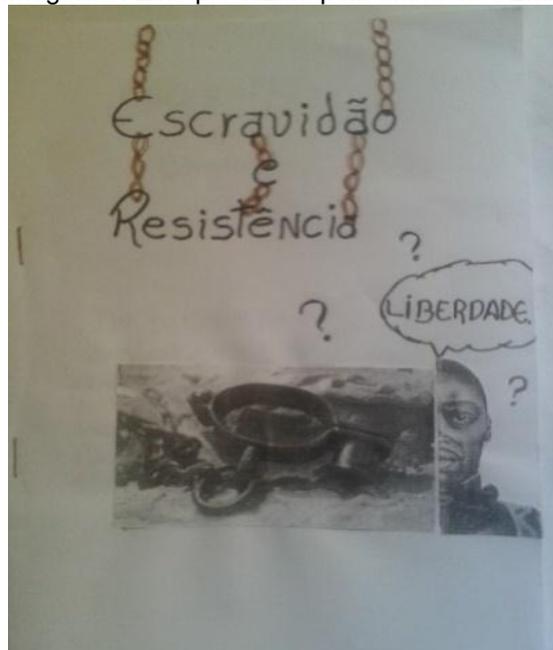
Torna-se perceptível que o fanzine não segue a uma padronização, pois o aluno ao optar pela escrita, alinhada às colagens de imagens o faz por meio de uma linguagem caótica, provocando o leitor a se indagar acerca de uma desconstrução da escrita dita “formal”, além disso, o aluno procurou perceber e dar voz às suas

⁹ Essas características podem ser percebidas no capítulo dois dessa pesquisa, diante das problemáticas apresentadas através dos fanzines expostos na unidade.

próprias imagens, pois notamos que são essas imagens que contam e se interligam com a caligrafia realizando uma ressignificação do próprio sentido da figura. Assim, esse recurso metodológico permite ao aluno uma percepção de si enquanto protagonista e construtor do seu próprio conhecimento.

A utilização desse recurso em sala de aula exigiu dos alunos uma análise criteriosa das informações, imagens, recortes, posições que seriam colocados cada elemento da elaboração dos zines, demandando uma concentração acerca dessas escolhas. Era notável a preocupação destes com os detalhes que resultaria na elaboração das suas produções. As reflexões provocadas pela confecção das publicações evidenciam as potencialidades desse recurso metodológico, pois para realizarem toda a estrutura, precisaram pesquisar acerca da temática, e com criatividade montar o zine de acordo com os seus próprios questionamentos, como podemos perceber pela interpretação do zine produzida pela aluna da UEMM:

Imagem 6: Zine produzido pela aluna da UEMM



Fonte: arquivo pessoal

A partir da visualização da capa do zine exposto podemos perceber que a aluna se utiliza das imagens e pontua aparentemente através dos pontos interrogações ao redor do balão que reproduz um pensamento de liberdade, silenciado por uma figura de um homem escravizado, questionando acerca do aparente sinal de liberdade. Com as incertezas apontadas nos seus zines, foi possível avaliar o grau de compreensão e assimilação dos conteúdos debatidos em

sala de aula, não no sentido de julgar, mas de permitir ao professor uma possibilidade de autoavaliação de suas *práxis* acerca do trabalho que foi desenvolvido durante o processo de ensino-aprendizagem. Os fanzines aqui apresentados foram avaliadas tendo como critério a sua própria produção pelo aluno, ou seja, o discente que concluiu à atividade obteve sua nota.

E através dos zines produzidos nas duas escolas percebemos que os alunos construíram produções que mostravam um domínio sobre a temática desenvolvida, fazendo uso da experimentação como forma de expressão, como percebemos na publicação a seguir:

Imagem 7: Fanzine produzido pela aluna da ENOP



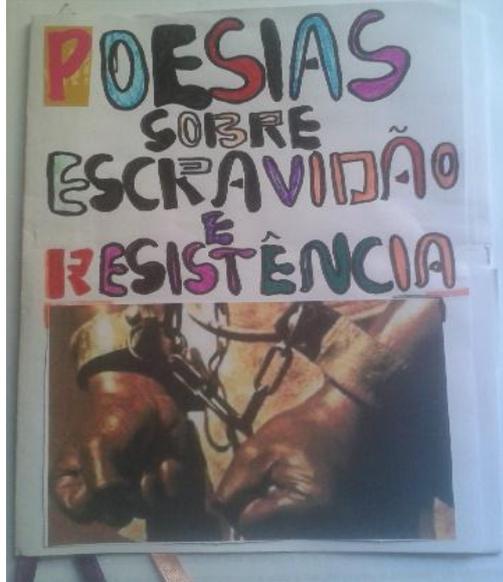
Fonte: arquivo pessoal

O fanzine apresentado foi produzido por uma aluna na ENOP, tendo como temática a Segunda Guerra Mundial, na página da produção a aluna traz uma mescla de títulos e imagens, e ao colocar a expressão “o átomo derrotado”, prende o seu leitor ao questionamento perante a ressignificação da palavra “átomo”, e nos incita à uma interpretação frente a imagem de destroços provocados pelos rastros de destruição da Segunda Guerra. Ao utilizar a imagem a aluna tende a problematizá-la, de modo que este perceba o material como fonte histórica socialmente construída, devido ao seu processo de construção, aliando informações históricas com percepções individuais.

Os alunos se apropriaram do fanzine como um espaço, onde as incertezas e as certezas se misturaram, testando nas suas páginas o “aparentemente” errado,

rabiscando e resignificando o seu modo de viver o mundo por meio da arte e materializando o pensar acerca das vivências cotidianas, que podem ser percebidas por meio dos diferentes modos de percepção que foram expostas nos zines, como exemplificado:

Imagem 8: Fanzine produzido pela aluna da UEMM



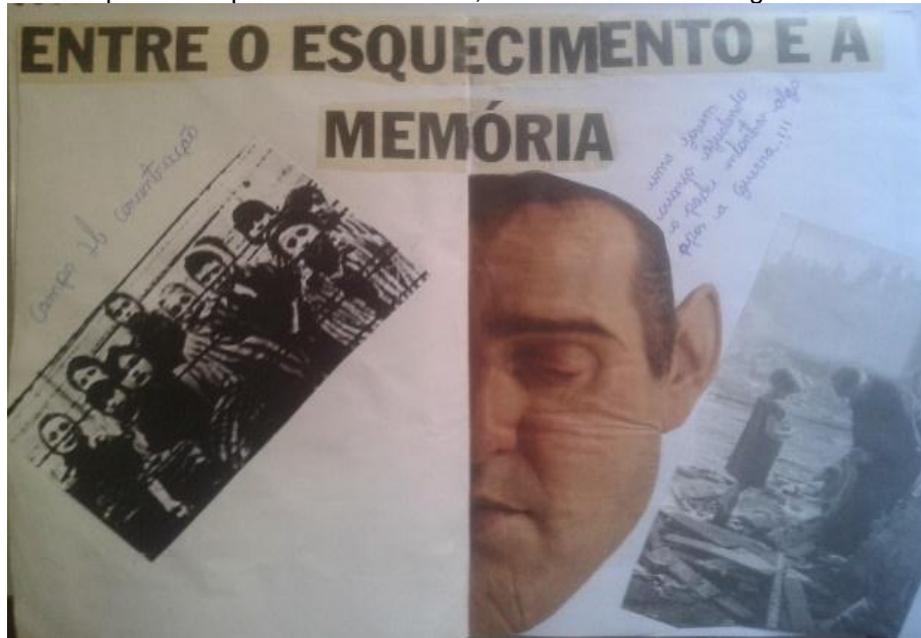
Fonte: arquivo pessoal

A forma que a aluna da UEMM encontrou para trazer a sua interpretação acerca da temática foi através de uma seleção de poesias; que à primeira vista parece ser uma “simples” escolha, mas que na verdade perpassa por um longo caminho de significado particulares para ela e que exigiram dela concentração e criticidade para a realização desta escolha. A partir disso, podemos perceber a necessidade de buscarmos metodologias que viabilizem a livre expressão, voltada para uma criatividade que seja instigadora da sensibilidade no indivíduo, pois a inclusão do fanzine permitiu a esses alunos a possibilidade de associarem o conhecimento aos seus gostos e sensações, influenciando diretamente para a melhoria da sua autoestima, na medida em que não há julgamentos quanto a elaboração de um zine em detrimento da produção do conhecimento adquirido.

A simplicidade oferecida pelos zines aos poucos foi cativando os alunos, que através das interações entre as suas escolhas e a vontade de experimentar dentro de um texto autoral e imaginativo, viabilizou a liberdade de descobrir e inventar novas possibilidades de interpretações, e conseqüentemente provocar mudanças na sua postura enquanto indivíduos criticamente ativos. Cada aluno ao produzir o seu

zine fez adaptando-o ao seu próprio estilo, transformando a sua publicação em uma espécie de extensão da sua personalidade, como exemplificado no zine a seguir:

Imagem 9: Zine produzido pelo aluno da ENOP, com a temática de Segunda Guerra Mundial.



Fonte: arquivo pessoal

O zine apresentado foi elaborado pelo aluno da ENOP – tendo como temática *Segunda Guerra Mundial* – e evidencia como ele abordou a temática proposta de maneira sóbria e serena, com traços levemente alinhados e com uma escrita condicionada ao caótico, além de visualizarmos que as imagens foram colocadas de maneiras inclinadas, sendo que umas dessas imagens (do lado direito da página) foi posicionada fora da margem da folha.

Todos esses detalhes, sendo proposital ou não, fazem parte da composição particular desse aluno/editor, e como tal contribuem para um melhor conhecimento do professor sobre o seu aluno, viabilizando a identificação das suas dificuldades, e que talvez não seria possível perceber durante as aulas, pois o medo de serem ridicularizados por expressarem as suas dúvidas ainda permeia sobre o cotidiano escolar.

Os alunos à medida que iam produzindo os seus zines eram instigados pela necessidade de realizarem as bricolagens ao desenvolvimento das pesquisas feitas tanto no próprio livro didático, como nas revistas e jornais, essa ação proporcionou aos alunos uma aproximação com a leitura e a escrita, visto que, estes também elaboraram produções de textos manuscritos, realizando uma reflexão crítica acerca

das informações coletadas para o seu adequado posicionamento frente aos seus objetivos editoriais. Como podemos perceber na publicação realizada pelo aluno do UEMM, que escreve acerca da Capoeira, intitulado o seu texto de *A CAPOEIRA Como FORMA de RESISTÊNCIA*:

A capoeira criada pelos escravos, não só como luta, também, era forma de lazer. Mas levando em conta como resistência foi muito útil na hora de lutar pela liberdade, a capoeira era proibida, então os escravos treinavam no meio de uma floresta densa, em um mato rasteiro chamado copeira, daí vem o nome. Foi criado um lugar acolher os escravos que fugiam das senzalas chamado quilombo dos palmares (FANZINE: ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA, 2016).

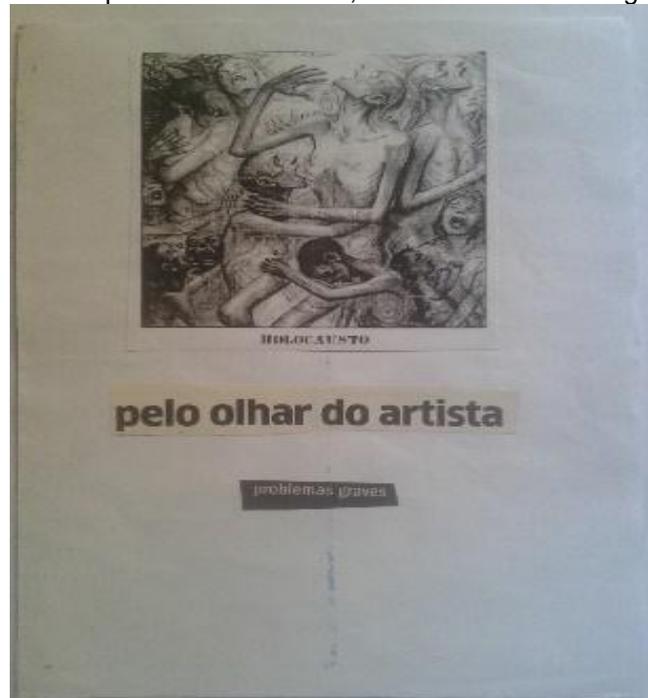
Através da mescla de uma imagem e uma produção textual o aluno produz um fanzine informativo, que mostra o seu ponto de vista acerca da capoeira. Aliás, das quatro páginas, duas delas fazem referência a Capoeira, e isso denota o interesse que o aluno nutre pela expressão cultural, visto que, este é praticante desse jogo. O fanzine produzido induz a problematizar acerca do posicionamento do aluno frente as suas experiências que foram externadas na elaboração dos seus zines.

As produções realizadas pelos alunos foram surpreendentes, principalmente na Escola Normal Oficial de Picos, pois foi nessa instituição onde ocorreu a primeira aplicação dos zines como ferramenta metodológica, e ainda não tínhamos a ideia prática da potencialidade que tal recurso poderia alcançar com os alunos. Apostávamos nesse recurso como algo atrativo para dinamizar as aulas da disciplina de História, entretanto, essa perspectiva como percebida durante apresentação dos zines produzidos pelos alunos foi superada, na medida em que os alunos das duas escolas olharam para a atividade como uma possibilidade experimental e de liberdade, no qual não estariam engessados pelo medo das correções avaliativas que são baseadas em padrões lineares. E quando essa atividade foi desenvolvida novamente na Escola Mário Martins, já tínhamos uma perspectiva dos benefícios apresentados por tal metodologia.

Os alunos se mostraram potencialmente criativos, na medida em que a liberdade ofertada pelos zines fluiu, viabilizando uma reflexão não só acerca do conteúdo de maneira isolada, mas também trazê-lo para dentro do seu cotidiano, de maneira interpretativa singular ao seu ponto de vista. Através das produções os discentes se autoafirmaram enquanto produtores, estimulando o seu desenvolvimento cognitivo. Ao produzirem entregaram-se ao labor do trabalho

escolar, a valorização da arte enquanto divulgadora do seu pensamento, das suas inquietações e da capacidade de levá-los a uma provocação intelectual, como apresentamos nesse zine, produzido pelo aluno da ENOP:

Imagem 10: Zine produzido pelo aluno da ENOP, com a temática de Segunda Guerra Mundial.



Fonte: arquivo pessoal

Na imagem do zine apresentado, podemos realizar uma análise acerca da apropriação realizada pela aluna sobre a temática – Segunda Guerra Mundial – no qual desenvolve uma percepção sobre uma interpretação realizada pelo produtor da própria imagem, ao mesmo tempo em que deixa em aberto a sua própria análise acerca da temática e ao realizar uma bricolagem com as palavras “problemas graves” deixa solta a informação emblematicamente poética acerca do assunto abordado, e através do impacto visual chama o leitor para as suas próprias conclusões.

Os fanzines que foram produzidos pelos alunos, nas duas escolas, nos proporcionaram uma troca de experiências, pois à medida que os alunos iam produzindo, fomos incitados a refletirmos acerca das diferentes possibilidades que surgem de alunos numa sala de aula completamente heterogênea, pois o professor enquanto mediador deve procurar entender essa diversidade dentro do ambiente escolar, procurando estabelecer um diálogo com os seus alunos, para que seja possível avaliar, a partir destas experimentações, como está sendo construído o

“saber” escolar e qual dessas práticas estão alcançando as metas estabelecidas pelo docente no que se refere ao ensino-aprendizagem dos seus alunos.

Percebemos que os fanzines como recurso metodológico nos permitem uma aproximação com os nossos alunos, favorecendo uma ampliação acerca do conhecimento desse aluno, que talvez outras metodologias não permitiriam, visto que, através da liberdade oferecida pelos zines esses alunos são instigados a pensarem para além dos muros da padronização, se percebendo enquanto produtor e conhecedor do seu processo de aprendizagem, deixando transparecer os seus questionamentos, dificuldades e as aprendizagens realizadas durante os debates em sala de aula.

Com uma característica dinâmica, essas publicações caem como uma peça chave para o frequente desinteresse dos alunos em relação ao ensino de História, e estes participam com entusiasmo da atividade, aliás, após o término da atividade era notória a satisfação deles por estarem presentes naquela aula. O fanzine desenvolve naquele que o produz um sentimento de “poder”, no sentido da experimentação, de participar de cada detalhe que comporá a sua produção, estimulando o desenvolvimento de uma visão crítica acerca de si mesmo e do mundo ao seu redor. Segundo Cláudia Calheiros da Silva Suruagy (2010), a sala de aula não pode ser considerada como “um simples espaço de transmissão de informações, mas antes um ambiente de vivências, de experiências, de relações entre professor e alunos, construindo sentidos, significações” (SURUAGY, 2010, p. 5).

Contudo, analisamos que as experiências desenvolvidas nas duas escolas, nos proporcionaram momentos de reflexões enquanto professore/pesquisadores, no qual percebemos como metodologias que exploram a liberdade e a criatividade, contribuem para uma aprendizagem mútua entre professor-aluno. É certo que essa atividade foi percebida e vivenciada em momentos diferentes, pois na ENOP o recurso foi aplicado sobre uma perspectiva teórica, já que tal metodologia ainda não tinha sido desenvolvida na prática com os alunos, mantendo certa relação de insegurança quanto à aceitação desses perante a proposta metodológica; já em relação ao UEMM, tal preocupação não foi percebida, pois como já havíamos utilizado tal recurso na ENOP, sabíamos que essa proposta seria interessante para

alcançar os nossos anseios para com relação ao ensino aprendizagem dos discentes.

Evidenciamos como uma “simples” atividade, com baixo custo de produção, pode proporcionar um crescimento mútuo entre o professor e os alunos, com a suas próprias percepções de mundo e se posicionando de maneira crítica perante o contexto social-político-cultural. Entretanto, percebe-se que tal recurso, mesmo diante da sua potencialidade enquanto metodologia colaborativa, ainda é pouco explorado pelos professores, o que denota a importância da divulgação e discussão acerca dessa ferramenta metodológica, e que para além dos debates acadêmicos tais metodologias possam ser visualizadas na prática do cotidiano escolar, possibilitando que os fanzines, sejam na sala de aula “instrumento de ampliação dos horizontes, favorecendo aos estudantes um processo de inserção crítica e renovadora do ambiente que o cerca” (NASCIMENTO, 2010, p.132).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo os fanzines como publicações independentes e livres das amarras da imprensa dita oficial, tornam-se um espaço de experimentação, liberdade, criatividade e criticidade, no qual os seus editores e leitores são levados a se questionarem acerca dos seus próprios conceitos e visão de mundo, percebendo tais produções como uma literatura menor, sendo “porta voz” daqueles que os produzem como forma de resistência frente ao descaso de uma mídia convencional ou mesmo como um “simples” ato de escrever acerca dos anseios particulares.

Os zines que antes eram impressos em mimeógrafos à base de álcool, passam a ser copiados pela fotocopiadora; e com a adaptação desse meio impresso para o mundo virtual, surgem os e-zines e apesar das críticas acentuadas pelos zineiros que defendem a ideia de que tais publicações por não possuírem o labor artesanal não podem ser consideradas como fanzines, apesar de compreendemos que essas publicações virtuais possibilitaram o desaparecimento das distâncias estabelecidas pelos os limites geográficos proporcionando aos amantes dos zines uma maior interação com suas próprias produções, acreditamos que tal discussão merece um debate especializado, porém não cabe nesta discussão, visto que, nossa intenção foi de levantar questionamentos acerca dessa nova possibilidade que surge aos zineiros.

Este trabalho teve como objetivo analisar a produção e a utilização dos fanzines enquanto recurso metodológico para o ensino de História, percebendo esses como fonte histórica e como produção do conhecimento. Durante os três capítulos que estruturam o desenvolvimento dessa pesquisa, procuramos evidenciar as características – liberdade, criatividade e criticidade – envolta dos zines, perpassando por uma contextualização historiográfica no 1º capítulo e por meio das produções realizadas pelos zineiros. No 2º capítulo, percebendo como tais elementos são vivenciados e experimentados na prática pelos editores/leitores dessas publicações, realizando com essa exemplificação uma ligação de como tais características podem e devem ser aplicadas dentro do contexto escolar, e a partir de tal descolamento, observar como os alunos se apropriam de tal recurso metodológico no ensino de História, discussão ocorrida no 3º capítulo.

Durante o percurso desse trabalho, percebemos que o zine mostra-se como um recurso potencialmente colaborativo, que contemplam as perceptivas das moderadas transformações proporcionadas pelas novas exigências de uma educação que busca pela mútua construção do processo de ensino-aprendizagem, e conseqüentemente, percebendo esse aluno enquanto indivíduo ativo no processo de formação.

A reflexão suscitada aqui, nos possibilitou compreender que no plano educacional essa duas tendências – escola tradicionalista e nova escola – convivem no mesmo espaço social, partindo desse entendimento, a produção de fanzine como ferramenta de ensino-aprendizagem pode ser favorável em ambas as escolas, pois, enquanto na escola tradicional ela se mostra como caráter de resistência ao ensino (re)produtivo viabilizando ao alunado uma possibilidade de ampliar seu grau de conhecimento, na nova escola se mostra como catalisador do conhecimento em detrimento da construção do conhecimento mediado pelas diversas habilidades de apreensão deste e o professor como norteador dessa prática educacional.

Diante da metodologia documental e da pesquisa-ação, percebemos que a experiência proporcionada pela aplicação do fanzine como ferramenta metodológica na Escola Normal Oficial de Picos e na Unidade Escolar Mário Martins foram satisfatórios como ilustrado pelas imagens das produções realizadas pelos alunos. À medida que estes se sentiram livres da obrigação de agradar ao professor para obter uma boa nota começaram a se reconhecer enquanto produtores do seu próprio conhecimento, a criatividade provocada pela a arte dos fanzines viabilizou uma construção do pensar em si mesmo em detrimento do conhecimento adquirido em sala de aula, proporcionando um relacionamento com as suas experiências cotidianas.

Todavia, destacamos a importância de trabalhar fanzine como recurso metodológico no ensino de História, no intuito de focar a preocupação no que se refere à condição educacional na cidade de Picos-PI. Mesmo compreendendo a potencialidades deste recurso no ensino-aprendizagem, apresentados aqui, observamos que tal ferramenta é pouco utilizada no ensino escolar. E essa observação talvez possa ser justificada pelo desconhecimento do docente em relação ao fanzine enquanto mediador do conhecimento teórico-prático. Apesar das potencialidades, enfatizadas na pesquisa, julgamos que as reflexões acerca do

material, tanto como ferramenta metodológica quanto como fonte de pesquisa histórica, não se esgotaram, ampliando as diversas possibilidades de análises.

FONTES: FANZINES

A DERROTA DO BEICH. Picos-PI. 2016.
 CATA SE: AS LIÇÕES DO DESASTRE. s/l. s/d.
 ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA. Picos-PI. 2016.
 FANZINE: ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA. Picos-PI. 2016.
 GLOBOBALIZAÇÃO. s/l. s/d.
 JARDIM ATÔMICO. Teresina-PI. 2012.
 LIXO MORAL. Caçapava- SP. s/d.
 NOITE UM FANZINE DA ALMA. Teresina-PI. 2004.
 POESIAS SOBRE ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA. Picos-PI. 2016.
 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. Picos-PI. 2016.
 SUE: A DONA DA NOITE. Pernambuco. s/d.
 SUE: AS ESTRELAS DA NOITE. Pernambuco. s/d.
 SUE: BLUE ANGEL E OUTROS BICHOS. Pernambuco. s/d.
 SUE: LUZ, CÂMERA. Pernambuco. s/d.
 TODA FORMA DE HORRO: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. Picos-PI. 2016.
 TRABALHO FORÇADO?. Picos-PI.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade.** Disponível em: <http://www.cnslpb.com.br/arquivosdoc/MATPROF.pdf>. Acesso dia 17 de março de 2016.

ANJOS, Ana Carolina Costa dos; BARBOSA, Jeferson Lima; ROCHA, Liana Vidigal; STRÖHER, Patrícia. **O Fanzine como ferramenta de comunicação dentro do curso de Jornalismo da UFT.** (Artigo). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20Fanzine%20como%20ferramenta%20de%20comunicacao%20dentro%20do%20curso%20de.pdf>. Acessado no dia 15 de janeiro de 2016.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas maneiras de aprender/** Celso Antunes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BORGES, Haydée Crystina Felipe. Fanzines e as Novas Tecnologias: possíveis Contribuições da Internet para as Publicações Alternativas da Década de 1980,

Porto, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, **mestrado** (Dissertação). Disponível em: https://sigarra.up.pt/reitoria/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=38446. Acesso no dia 16 de janeiro de 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações Curriculares do Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília, DF: Secretária da Educação, vol. 3, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - História**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. Fanzine: da publicação independente à sala de aula. III Encontro Nacional sobre Hipertexto. **Anais...** Belo Horizonte. 2009. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/b-f/fanzine.pdf>. Acesso no dia 15 de janeiro de 2016.

CARVALHO, Keliana de Sousa; LIRA, Jayla de Moura; SANTOS, Ana Carolina Barbosa. **Produção de fanzines: relatos de uma experiência do pibid de história**. VIII Semana de História- A pesquisa em História: Arquivos, Fontes e Métodos- 09 a 12 de novembro de 2015, Picos-PI.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Artistas diaspóricos, literatos desviados: fanzines, cultura ordinária e literatura menor. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Orgs.). **Entre línguas: movimento e mistura de saberes**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 61-75.

COSTA, Maria Carlizete de Sousa. **A prática educativa e o planejamento escolar**. Disponível em: http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/uft/file.php/1/.../data/.../TCC_CORRIDO.pdf. Acesso no dia 14 de junho de 2016.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro:Graal, 2007.

DELEUZE, Gilles Kafka: **por uma literatura menor**. 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalheite. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Independência e renovação nos Fanzines**. Mídia Radical, publicado no dia 16 de setembro de 2008. Disponível em: <http://midia-radical.blogspot.com.br/2008/09/independencia-e-renovao-nos-fanzines.html>. Acesso no dia 14 de janeiro de 2016.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. Coleção Quiosque nº2, 3 ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: SÔNIA NIKITIUK. (Org.). **Repensando o ensino de história**. 8 ed. – São Paulo: Cortez, 2012. p. 29-49.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: ed. 34, 1999;

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **A mutação radical dos fanzines**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da ZAComunicação, Belo Horizonte, 2003.

MAGALHÃES, Henrique. **Fanzine no mundo**. Personalzinewordpress, publicado no dia 13 de março de 2012. Disponível em:
<https://personalzine.wordpress.com/2012/03/13/os-fanzines-ganham-o-mundo/>.
 Acesso em 18 de janeiro de 2016

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. Coleção Primeiros Passos, 283. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGALHÃES, Henrique. Os fanzines e os novos suportes imateriais. **Mídia Radical**. publicado no dia 16 de setembro de 2008. Disponível em: <http://midia-radical.blogspot.com.br/2008/09/os-fanzines-e-os-novos-suportes.html>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

_____. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca da fantasia, 2014.

_____. **Fanzine**: comunicação popular e resistência cultural. In: Visualidades – Revista do programa de Mestrado em Cultura Visual da UFG, v.7, n.1, p.100-115, 2009. Disponível em: <http://ead.metodista.br/Bruno/Visualidades-V7n1.pdf>. Acesso dia 12 de janeiro de 2016.

_____. **Submundo em Foco**: Uma economia simbólica dos fanzinesanarcopunks de Teresina na contemporaneidade (1993-2013). Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado em História. Teresina-PI, 2013.

MORAES, Everton de Oliveira. **A escrita como guerra**: ética e subjetivação nos fanzines punk. In: MUNIZ, Rodrigues Cellina. (Org.). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: UFC, 2010. p. 66-80.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: MUNIZ, C. (Org.). **Fanzines autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: edições UFC, 2010. p. 121-133.
 Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/0B9bjwbPA1Ju4bE9sMDRUYjQ1MTQ/view>. Acesso dia 15 de dezembro de 2015.

NEGRI, Ana Camilla. **Quarenta anos de fanzine no Brasil**: o pioneirismo de Edson Rontani. Universidade Metodista de Piracicaba. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33397517009226686802074911246237676525.pdf>. Acesso dia 12 de janeiro de 2016.

NÉRICI, Imídio Giuseppe. **Metodologia do ensino**: uma introdução. – 4.ed. – São Paulo: Atlas, 1992.

PINTO, R. D. Fanzine como Recurso Pedagógico nas aulas de Educação Física em uma Escola Municipal. Emef Presidente Campos Salles. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/semef2012/relato_Renato_Donisete.pdf. Acesso dia 17 de janeiro 2016.

SANTOS, Dionys Morais dos. **O fanzine como recurso didático pedagógico no ensino de geografia**. Universidade Estadual do Ceará, 2008. Disponível em: <http://professorvirtual.org/site/wp-content/uploads/sites/2/2013/12/Fanzine-como-Recurso-Did%C3%A1tico-Pedag%C3%B3gico-no-Ensino-de-Geografia.pdf>. Acesso no dia 19 de dezembro de 2015.

SILVA, Heitor Matos da. **Fanzines punks**: a prática escriturística do ressentimento. VII Simpósio Nacional de História Cultural, Universidade de São Paulo – USP, 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Heitor%20Matos.pdf>. Acesso no dia 15 de janeiro de 2016.

SURUAGY, Cláudia Calheiros da Silva. Um Olhar Midiático para o Ensino de História. IN: **Anais do V EPEAL**, Pesquisa em educação: desenvolvimento, ética e responsabilidade social, ISSN1981-3031. 2010. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/UM-OLHAR-MIDIATICO-PARA-O-ENSINO-DE-HISTORIA.pdf>. Acesso dia 13 de julho de 2016.

_____. **Os fanzines e os novos suportes imateriais**. Mídia Radical, publicado no dia 16 de setembro de 2008. Disponível em: <http://midia-radical.blogspot.com.br/2008/09/os-fanzines-e-os-novos-suportes.html>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

PIMENTA, S. G.; FRANCO, M. A. S. [Orgs]. **Pesquisa em educação**: Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

VASCONCELLOS, Celso S. **Planejamento Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. Cadernos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.

ZAVAM, Aurea. E-zine: uma instância da voz dos e-excluídos. In: ARAÚJO, César Júlio (Org.). **Internet e ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 () Monografia
 () Artigo

Eu, Keliana de Sousa Carvalho,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Fanzines: metodologias elaborativas e autorais
para o ensino de História.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 16 de setembro de 2016.

Keliana de Sousa Carvalho
 Assinatura

Keliana de Sousa Carvalho
 Assinatura